O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 24 DE ABRIL DE 1910

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1:357

Factos & Criticas

Mais uma vez a camara dos deputados demonstrou que o parlamentarismo não serve em Portugal senão para desmoralisar.

Ou seja o Hinton um tratante, ou não seja, ou a questão Hinton represente ou não represente uma grande pouca vergonha, o procedimento da opposição tem sido indecentissimo. Simplesmente indecentissimo.

Já dissemos aqui que não conhecemos a fundo, que a não podemos conhecer, com os dados que nos fornecem os tratantes que em Portugal se dizem parlamentares e jornalistas, a questão que se debate. A fundo, não a conhecemos. Cem vezes temos visto esses tratantes levantar-se em peso contra varios projectos de lei que elles proprios acabam, mais tarde, por reconhecer bons ou pouco menos. Contra varios projectos de lei e contra emprehendimentos de toda a natureza.

O que elles disseram contra o fallecido Rosa Araujo, quando este quiz arrancar, como arrancou, em Lisboa, as grades ao antigo Passeio Publico! A formidavel campanha contra a inutilisação d'esse Passeio, e, consequentemente, contra a nova Avenida!

O que elles disseram, o que elles fizeram contra a tracção electrica na mesma cidade de Lisboa!

O que elles disseram, o que elles fizeram contra a actual lei d'imprensa! E, depois, nem um pio! E, depois, elles proprios recorreram a essa lei contra os adversarios politicos! Quatro ministerios se succederam já ao ministerio de João Franco e eis ahi, de pé, a lei de João Franco! Não só de pé! Nunca mais houve contra ella a menor propaganda, pode-se dizer: o minimo protesto!

Quem ha de acreditar estes tratantes? Quem se ha de fiar n'estes pandilhas? N'estes pandilhas sempre movidos pelo espirito de quadrilha e nunca pela menor sinceridade ou o menor espirito de verdade?

Não conhecemos, pois, a fundo a questão Hinton. Mas, tambem já o dissémos, quer-nos parecer que é uma questão *pouco honrosa* para a Inglaterra, para o Hinton, para Portugal e para os politicos portuguezes.

O Hinton é, talvez, um especulador sem alma, um miseravel ganancioso, um tratante. A Inglaterra anda incorrectamente e até indignamente apoiando e impondo o jogo d'um tratante. Os politicos portuguezes são cem vezes mais tratantes que o Hinton, ou, se procederam por simples imbecilidade, e não é este o caso mais provavel, pelo menos cem vezes mais responsaveis do que elle. E Portugal, aturando todos os patifes e imbecis dos seus partidos politicos, e Portugal, para quem não ha emenda, pois de nada lhe teem servido as lições recebidas, cem vezes mais indigno do que a nação ingleza.

E' o que nos parece. São as impressões que do caso Hinton temos recebido. Não obstante, o procedimento da opposição parlamentar tem sido indecentissimo, porque, atravez de todas as cantatas de patriotismo, vê-se, claramente, que o seu unico intuito é, e tem sido, derribar o governo. Falando em patriotismo, enchendo a bocca com patriotismo, eloquentemente demonstra que *o menos*, para ella, é o patriotismo.

Percebe-se, vê-se, apalpa-se, que os bandidos, que enchem a bocca com patriotismo, não hesitariam em deitar fogo á patria, ou em a empurrar para um abysmo, se d'ahi pudesse resultar a queda do governo ou da monarchia.

Toda a gente que estiver a estudar, sem opinião antecipada, sem preoccupações d'escola ou de partido, os acontecimentos, vê nitidamente o que deixamos referido.

Seja Hinton um tratante, ou não seja, ou a questão represente uma pouca vergonha, uma grande pouca vergonha, ou não represente, o procedimento da opposição tem sido indecentissimo. Porque tem sido um procedimento de garotos, de canalhas, de pulhas.

Garotos, canalhas, pulhas!

Antes de tudo, acima de tudo: garotos, canalhas, pulhas!

E é forçoso, não cessaremos de o dizer, acima de tudo, antes de tudo, varrer esse espirito canalha d'esta patria infeliz.

Para nós, a questão essencial é essa. Ou vencemos este espirito canalha, ou não seremos nunca um povo. E' preciso vence-lo, a pontapé, á bofetada, á coronhada, á baionetada, ou a tiro. Mas é preciso vence-lo. E' preciso expulsar o canalha da politica. A chicote? Seja a chicote. Fuzilando-o? Enforcando-o? Pois fuzile-se. Pois enforque-se. O que nos tem perdido tem sido, precisamente, um liberalismo falso e um sentimentalismo torpe. Torpe, sim. E' lá liberdade, ou espirito de liberdade, deixar folgar, enriquecer, rir, triumphar, tripudiar bandidos! E' lá sentimento deixar impunes ladrões, e assassinos! Ou canalhas, ou garotos, ou simples *escrocs*, ou simples arruaceiros impenitentes! Não é liberdade. Não é sentimento. Nem mesmo imbecilidade. E' degradação. E' torpeza.

Tém só um nome. E' torpeza.

Pretendeu a opposição, no primeiro dia do conflicto, que o governo havia soffrido um cheque na camara. Estava no seu direito. Mas levanta-se o presidente do conselho e diz: « Eu tenho duvidas e quero saber a lei em que vivo. Pronuncie-se a camara d'uma forma definitiva. » Muito bem. Não só estava no seu direito, como seguiu o unico caminho que lhe era dado seguir. O que tinha a fazer, correctamente, a opposição da camara? Concordar com o presidente do conselho. Propoz-se um voto de confiança ao governo? A opposição aguardava o resultado da votação. Era a unica coisa correcta, séria, parlamentar, digna. Mas o que fez a opposição? Sabe-o todo o mundo.

Arre, que são garotos! E o paiz tem o dever, o rigoroso dever, de não supportar garotos.

Arre, que são garotos! Aquella vozearia, aquella algazarra, aquella desordem apenas para abafar votações, impedir discussões, tornar impossivel a vida d'um governo, só o fazem garotos, e reles, indecentissimos garotos.

Estar um dia inteiro a ateimar que a camara não votou, ou não podia votar a moção de confiança ao governo, quando havia um meio tão simples, que era uma proposta para se repetir a votação, de desfazer todas as duvidas, só o fazem garotos, e reles garotos, e indecentissimos garotos.

Aquillo é lá gente séria? Aquillo são homens? Aquillo, com Pintos dos Santos á frente, Borrachos e outros bandidos, que não fazem senão falar em duellos, em *leis da cavallaria*, em codigos da honra? Aquillo são garotos. Bandalhos. Pulhas da mais infima especie.

Para aquillo só ha um remedio: é Pavia. Pavia que entre e que corra a pontapé, á bofetada, á coronhada, a tiro, a canalhareles, os ignobeis tartufos, os charlatães indignos, que, com o rotulo de *representação nacional, soberania popular* e palavrões identicos, são uma corja de bandalhos, uma sucia de pandilhas.

O paiz a respeitar a corja, porque a corja se diz investida da sagrada soberania popular, da santa *libardade*, dentro do tabernaculo da representação nacional, faz a figura dos pretos deante do maniputo ou dos egypcios deante das cebolas, do boi Apis ou dos divinos crocodilos. E riem-se, estes brancos do *Jardim da Europa á beira mar plantado*, dos pretos e dos antigos egypcios! E riem-se!

Seja Hinton quem fôr. Seja bom ou mau o projecto do governo. Isso é uma questão á parte. Bom ou mau Hinton, bom ou mau o projecto do governo, a garotice, a canalhice da opposição parlamentar e da opposição jornalistica é um facto certo, adquirido.

E é preciso acabar com isso. Temo-lo dicto e insistimos. Insistiremos constantemente. E' indispensavel metter na ordem o arruaceiro. E' indispensavel submetter o bandido. E' indispensavel escorraçar o garoto. Indispensavel. Inadiavel. Urgentissimo.

Não o fazem os governos? Façamo-lo nós, a maioria do paiz que trabalha, que é seria, que se revolta contra essas garotices. Façamo-los nós. Por uma acção persistente e energica na paz e na guerra. Basta a acção da paz. Se nos resolvermos a assumir uma attitude energica deante do bandido, impondo-lhe respeito em todas as manifestações da actividade nacional, da vida particular e publica, o bandido, o canalha, o garoto aquietam-se e fazem-se, até, humildes, mansos, como cordeirinhos. Mas se não bastar a acção da paz, vamos á guerra. Não vão a bem? Vão a mal. Não vão por palavras? Vão a cacete. Todo o cidadão tem em casa um bacamarte ou um marmeleiro. O exercito tem as suas espingardas e os seus canhões. A policia tem os seus sabres e os seus rewolvers. Força n'elles! Sem dó nem piedade. Força n'elles! O paiz quer ordem. Sem ordem não pode viver. Acima da vida de trezentos, trez mil ou dez mil arruaceiros, garotos ou bandidos, está a vida de uma nação inteira. Força n'elles! Olha agora a grande coisa: arrombar as costellas a trez centos de garotos ou fuzilar contra um muro trez duzias de bandidos! Abaixo o sentimentalismo torpe. Fóra com asneiras. E força n'elles!

Uma coisa é tratar com homens, ou com gente séria, outra coisa é tratar com garotos ou bandidos. Toda a tolerancia e brandura com os homens e com a gente séria. A mais absoluta intransigencia e a acção mais energica com garotos e bandidos.

Fóra com isso!

A pontapé, á bofetada, a cacete, ou a tiro.

Fóra com isso!

Porque será?

Perguntam-nos: porque será que o dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, juiz d'instrucção criminal, só prende, como implicados no caso das associações secretas, individuos das mais baixas classes sociaes?

A resposta é facil: porque ainda não encontrou outros.

Os outros . . . estão na maçonaria, que é uma **associação legal**!

Pois como canta?

A organisação revolucionaria do partido republicano foi sempre a mesma. Os grupos secretos teem poucos sscios. Em geral, os socios de um grupo não conhecem os socios d'outro grupo. O chefe do grupo é pessoa de confiança, mas operario, caixeiro ou empregado publico. Em qualquer caso, uma figura subalterna ou de minima representação social. Todos os chefes de grupo se entendem com uma figura de destaque. Esta sim. Mas esta já não está nas **associações secretas**. *Já não é um membro d'essas associações. Quasi sempre está na maçonaria. Ahi é que se encontra e ahi é que é preciso procura-la.*

E' preciso procural-a! . . . Era *preciso procura-la. Mas como se ha de procurar, se a maçonaria é uma associação legal, sem* **nenhuma fiscalicação do Estado**?

Porque isso tambem é uma coisa interessantissima. Os **libaraes** *não se fartam de pedir e de impôr, como em França, fiscalisação ás associações religiosas. As associações religiosas não são livres. O principio democratico de* **Egreja livre no Estado livre**, *já passou, ha muito, á historia. Agora a* **democracia**, *agora a* **libardade** *é sujeitar as associações religiosas á mais rigorosa vigilancia e fiscalisação. Separa-se a Egreja do Estado. Mas a Egreja fica, como os* **apaches**, *sob a vigilancia da policia. A maçonaria, porem, essa é livre! Essa é que é livre! Essa é que está fora do Estado e acima do Estado! Essa é que ninguem vigia! Essa é que não está sujeita a regulamentos, a peias, a prisões de qualquer ordem.*

A **libardade** *é essa! A* **democracia** *não se entende d'outro modo!*

Em absoluto, não se pode contestar ao Estado o principio da fiscalisação e da vigdancia sobre tudo e sobre todos. Não só é um direito, como um dever. A maxima liberdade. Mas sujeita a regulamentos, a regras, á obediencia. Este é o principio. Mas principio que, por isso mesmo que é principio, não admitte nenhuma excepção. Não a pode admittir. Ora quem viu, jámais, a policia, a auctoridade, nas reuniões maçonicas? Quem viu?

Ninguem, porque a maçonaria é uma **associação secreta**. *Legal,* **mas secreta**. *Isto é phantastico, mas é verdade. A maçonaria é uma associação secreta auctorisada pelo Estado. E' phantastico, mas tudo quanto ha de mais real e verdadeiro!*

Abaixo o dogma da Immaculada Conceição, mas viva o dogma da Immaculada Maçonaria! Abaixo o dogma da infallibiliade do Papa, mas viva o dogma da Maçonaria infallivel!

Todas as associacões podem peccar e abusar, sem exclusão das associações divinas. E, então, toca a sujeitar ao regimen da fiscalisação civil todas as associações, em geral, e as associações divinas em especial. Mas excepto a maçonaria! A maçonaria, não! Essa pode matar reis e ministros á vontade! Essa pode conspirar contra as instituições e o Estado á vontade! Porque essa é infallivel! Porque essa é impecavel!

Que grande pouca vergonha! Mas é assim mesmo.

Porem, se é assim mesmo, como quer o cidadão abelhudo, que se nos dirige a perguntar porque será que o dr. Antonio Emilio só prende como implicados no caso das associações secretas individuos de condição humilde», que elle prenda como implicados no caso das associações secretas individuos de condição elevada?

Estes lá estão, sim, nas associações secretas. Mas n'aquella que se chama Maçonaria. Portanto, a salvo. Portanto, com a retirada livre!

Pois porque é que está todo o fiel patife na maçonaria? Até os anarchistas! O fiel patife que se diz anarchista lá está, tambem, na maçonaria. Elle é contra todos os regulamentos! Elle é contra tudo quanto seja subordinar ao espirito de auctoridade *a alma e o corpo! Mas lá está, o patife! Lá está, sujeito* **áquella tyrannia**! *Lá está, sujeito* **áquella disciplina**! *Lá está, sob a* **auctoridade absoluta** *dos graus, dos malhetes, da grande. . . . pata que os pós!*

Bando d'intrujões! Sucia de patifes!

Aquillo é a especulação das especulações. E' a torpeza das torpezas. Mas . . . immaculada, infallivel, sagrada, intangivel maçonaria!

E' da maçonica o Alpoim. E' da maçonica o Egas Moniz. E' da maçonica o Affonso Costa. E' da Maçonica o Grandella. E' da maçonica o Margarido. E' da Maçonica o Bombarda. E' da maçonica o Calcinhas. E' da maçonica todo o arruaceiro, todo o charlatão, todo o **arranjista**, *todo o* **videirista**, *todo o especulador e todo o parvo alegre da Parvonia. Quem havia por lá de sincero e honesto fugiu, ou vae fugindo. Como quer o cidadão abelhudo que o dr. Antonio Emilio agarre os* **cabeças**, *no caso das associações secretas?*

Os **cabeças** *conspiram a salvo. Com autorisação das instituições. Garantidos pela monarchia!*

Os cabeças **cortam as barbas** *e disfarçam-se quando ha perigo. O malandro, o pulha, o ladrão, o asqueroso reptil, que se chama Affonso Costa, empurrava o povo para a revolução de 28 de janeiro. Mas tanto sabia que empurrava os desgraçados para a* **chacina**, *tanto sabia que era revolução perdida, que* **cortava as barbas**, *que se* **disfarçava**, *para se escapulir.*

Assim nas **associações secretas**. *Elles* **incitam**. *Elles organisam* **grupos illegaes**. *Mas o seu corpinho fica de fóra,* **sob a proteoção da monarchia**.

Sabe o abelhudo cidadão como isto se curava? Cem vezes o temos dicto e cem vezes o iremos repetindo: **a tiro**.

Mas em monarchicos e republicanos.

Pau e mais pau. Cacete e mais cacete. Tiro e mais tiro.

A tiro!

A tiro!

Pede-se aos auctores das correspondencias publicadas na secção "Provincias„ o favor de limitarem o mais possivel os seus escriptos. Sendo estes muito extensos não poderão ser publicados.

A covardia nacional

O governo, diz-se, vae dissolver as côrtes.

Que covardia, que covardia!

Mas que covardia!

Mas que tristeza!

Pois o governo precisava, por ventura, de dissolver as camaras?

Pois o governo não tem a lei?

Não ha um regimento n'essa camara?

Nós nunca lemos essa porcaria. Essa *ignobil porcaria*. Porque essas é que são as ignobeis porcarias. Papelada e mais papelada que só serve para limpar. . . as botas, quando a gente, sem querer, as atasca em immundicie.

Leis e mais leis! Papelada e mais papelada, para não . . . se cumprir!

Nunca lemos essa coisa que se chama *regimento da camara*. Essa *ignobil porcaria*. Mas, certamente, lá estão prevenidas as arruaças, o barulho, a desordem, o obstrucionismo, a indecencia. Mas, sem duvida, lá ha de ter a camara, lá ha de ter o presidente, os meios de se fazer respeitar e de fazer respeitar ess'outra *ignobil porcaria*, essa mentira repellente, essa hypocrisia infame que se chama *soberania nacional e decoro do parlamento*.

Pois então a monarchia, pois então as instituições já nem teem forças para expulsar da camara, a pontapés, os miseraveis que se aproveitam da etiqueta de representantes da nação para despejarem, desavergonhadamente, impudicamente, canalhamente, indecentemente, as suas fezes sobre o paiz?

E' o que dizemos, atraz, em artigo de fundo: pretos, em face do maniputo; idolatras, em face dos cebolas do Egypto.

Que estupida gente! Que estupidissima gente!

E' a camara! A sagrada camara! E' o tabernaculo das leis! E' o sagrado recinto da soberania popular!

E então converta-se a camara n'um alcouce e venere-se o alcouce! Faça-se da camara a Praça da Figueira e beije-se, em divino respeito, o pavimento da Praça da Figueira!

Estupidissima gente! Que nojo, que me mette esta vileza moral e esta degradação intellectual!

Quanto mais elevada e respeitavel é a funcção, mais affrontoso é que se deturpe, rebaixe ou deshonre essa funcção. Se na camara não entram deputados, mas garotos, se algum garoto merece ser corrido á bofetada e a pontapés é o garoto que vae desacreditar na camara os principios democraticos, rebaixar a dignidade das funcções de representante da soberania popular.

Quanto maior for o amor á democracia, quanto maior o respeito á soberania popular, maior a indignação contra o garoto e maior a pressa em o castigar e expulsar. Não ha outro procedimento, não o pode haver, dentro da logica, da razão, da verdade e da justiça.

O governo, a maioria, só tinham um caminho a seguir: coagir o presidente da camara a cumprir o seu dever. Só isso era dar provas de dignidade, de seriedade e *de força*. A força da lei, da razão, da justiça. A força publica, executora material d'essa força moral que se chama lei, razão, verdade, justiça, entrava na camara a expulsar os discolos. Por intimações de palavras, se elles iam por intimações de palavras. A' coronhada ou á baionetada, se fossem precisas as coronhadas ou as baionetadas. Pois carrega-se, *á tesa*, sobre o povo *nas ruas*, e não se carrega sobre *esses malandros* que só aproveitam o nome de deputados para, covardemente, canalhamente, fazerem acções cem vezes mais affrontosas e indecentes que as do povo arruaceiro em plena rua?

Isto é tudo uma comedia!

Isto é tudo uma vergonha!

Em Portugal não ha estadistas, não ha homens, não ha coisa nenhuma. Ha uns . . . excrementos de gente, que são o opprobrio d'esta raça e affronta da humanidade toda.

A' coronhada, é que era. E para os pulhas da laia Affonso Costa, impenitentes, reincidentes, insulto vivo e perenne na sua pimponice e gaiatice permanente, com a recommendação especial, feita ao ouvido de soldados escolhidos: *áquelles, se repontarem, dá-se-lhes com a coronha da espingarda na cabeça*.

E prompto. Quem ficasse com a *pinha* ou com os miolos destruidos, ficava. Quem ficasse com as costellas amolgadas, ficava. A opposição voltava á camara, se queria. Não voltava, se não queria. Mas a licção ficava dada. Licção eloquente, licção de justiça, que se repetia tantas vezes quantas fossem necessarias para que todos os pulhas se convencessem de que havia, emfim... juizes em Berlim. De que era forçoso ter vergonha, ter pudor. Para que todos os pulhas vissem, de uma vez para sempre, que a camara dos deputados não era, positivamente, não podia ser, a Praça da Figueira em dia de revolta das regateiras, ou um alcouce em dia de bacchanal das meretrizes.

Essa é que é a *dictadura*. A unica dictadura admissivel. A dictadura da razão e da justiça, dentro das leis, mais ou menos feitas, sempre, em nome da razão e da justiça.

O contrario d'isso só demonstra fraqueza, covardia, desmoralisação, estupidez.

O governo, a maioria, aquella maioria onde não houve um homem com decisão bastante para esbofetear o *rei dos bandidos*, a toda a hora, para com ella, insolentissimo, o governo, a maioria, sahem da *dictadura* da lei, da dictadura da *força*, para recorrerem á dictadura da covardia e do arbitrio.

Pobre paiz!

Desgraçado paiz!

A questão do pão

SENHOR REDACTOR DO POVO D'AVEIRO:

Não posso nem devo abusar do generoso acolhimento que V. concede á minha humilde prosa, pejando no seu jornal o espaço que é precioso para o que V. escreve. Tambem não quereria embrenhar-me em uma discussão puramente industrial de caracter generico para a qual não tenho elementos de absoluta confiança, mas V. accusa-me de haver errado calculos, e n'essas condições eu preciso de dizer de minha justiça.

Tambem me cabe o direito — que a reconhecida rectidão de V. por certo me não contestará — de repetir a sua phrase — Alto lá!

Eu disse lealmente que ignorava as condições de laboração das fabricas da metropole e que *as minhas informações para V.* — pois que outro fim não visei alem de informar a V. sobre a realidade dos factos e para que V. aos lavradores fizesse mais justiça do que sempre me pareceu disposto a dispensar-lhes, — se baseavam no conhecimento directo do que em uma determinada região occorria.

Ora eu disse a verdade e provo-o com documentos que V. apreciará.

Ha uma região provinciana do paiz, onde, ao termi-

nar a colheita do anno findo, e quando os cereaes escasseavam ainda, as fabricas de moagem pagaram o trigo a 67 reis o kilogramma. Posteriormente a essa epocha os preços baixaram e actualmente o trigo obtem apenas o preço maximo de 63 reis. Provas á vista.

Teem os moageiros e os commerciantes d'essa localidade o privilegio exclusivo de compras por este baixo preço? Não me parece.

O meu calculo sobre as percentagens de productos de fabrica foi feito por observação indirecta mas desinteressada e de toda a confiança. O meu calculo dos interesses do moageiro está, portanto, absolutamente certo.

Menos certo se me figura — pelas bases, bem entendido — o calculo de V. sobre as percentagens de farinhas e farellos que o moageiro vende, por ventura feito sobre tratados e em face das leis, que V. sabe muito bem serem letra morta no nosso paiz, ou por informações interessadas. Egualmente se me figura exaggerado o seu orçamento para installação de uma fabrica e respectivo capital circulante, pois de uma fabrica bem montada e em prospera laboração, com a capacidade laboratoria aproximada a 20:000 kilos tenho eu noticia de haver custado quantia inferior a 34 contos de reis e possuir um capital circulante inferior a metade do que V. fixou.

Diz V. que o moageiro não tira do Mercado Central o trigo por preço inferior ao da tabella. Pois tira, e mais adiante veremos como.

Diz V. mais: Se ao moageiro se attribuem tão extraordinarios lucros, porque se não associam os lavradores para enriquecerem como elles? Outra campanha teriamos contra os miseros e mais justificada ainda. Mas se elles assim não procedem será talvez porque das duas questões que V. julga serem de indispensavel solução — e n'esse ponto estamos nós d'accordo — a questão de caracter e a questão de pão — só esta é em Portugal de possivel solução, embora com muito trabalho e muito tempo. Queira V. attentar para seu convencimento no insuccesso e nas causas determinantes do mesmo, em variadissimas tentativas de associações agrarias, syndicatos, adegas sociaes, etc.

Um seu correspondente alemtejano mostrou-se mal humorado com o Mercado Central de Productos Agricolas e porque declarasse que ali não manifestaria o trigo de sua producção, V. ralhou com elle, visto que não adduzia razões da sua abstenção. O homem foi em busca de razões para lhe apresentar, mas como não haja voltado ainda, vou eu dizer-lhe a razão porque a quasi totalidade dos pequenos e medianos productores de trigo não querem negocios com o Mercado Central.

V. conhece a carta de lei de 14 de Julho de 1899 e annexos regulando as relações entre productores, negociantes e o Mercado como communicação com os moageiros, e, na lizura do seu caracter e boa fé, (tão boa e tão provada que já alguma vez acreditou na lealdade do *Calcinhas*) crê que tudo se passará na conformidade da lei.

Pois está V. illudido.

A lei diz que o trigo pelos lavradores manifestado desde 15 de julho a 31 de outubro até á quantidade de 16.000:000 de kilogrammas será adquirido durante o mez seguinte pelo preço que lhe competir na tabella. O productor é avisado do destino que foi dado ao seu trigo e deve entender-se directamente com o destinatario para a entrega.

E' isso o que o lavrador faz e recebe frequentemente a resposta de que o moageiro não tem um decimetro cubico de armazem disponivel e não pode portanto receber immediatamente o trigo. A correspondencia continua até que o moageiro propõe uma reducção de preço para receber immediatamente o cereal. O pequeno lavrador, que não nada em abundancia financeira e em muitissimos casos tem compromissos a solver, vê-se forçado a acceitar a proposta. Acceitando-a já sabe que jamais a balança do moageiro confere com a do productor. E' um phenomeno que a physica não explica mas é um facto que nem um só lavrador ignora e com o qual tem de contar.

Se não acceita a proposta do moageiro, tem o direito de fazer a entrega á ordem do Mercado Central.

Segue-se uma serie de formalidades em que o moageiro intervem quasi invariavelmente com protestos sobre a qualidade do genero e em que, tambem invariavelmente, lhe é dada razão pelo Mercado Central, de onde resulta uma depreciação, na alternativa de corretagens que vão até 3 % do valor da transacção, não contando jámais com os saccos rotos e trigo extravasado, até no recinto do proprio Mercado, que não entra na conta.

Ao cabo da liquidação, que pode levar mezes a realisar, o moageiro paga em letra a tres mezes, que pode ser descontada mas com prejuiso da taxa para o lavrador e ainda com a sua responsabilidade ligada ao desconto.

Aqui tem V. a narração de casos authenticos que ao seu correspondente fizeram *ouvir o gallo sem saber onde elle cantava.*

J'en passe et des meilleures.

E' por estas e outras que o lavrador medio e o pequeno agricultor consideram o Mercado Central como uma gaiola de *pajaros*, alguns dos quaes de bico amarello.

Se V. julgar de algum interesse a narrativa de um escandaloso e authentico caso demonstrativo da forma porque a citada *pajarada* come a sua *alpista*, poderei referil-o com todos os pormenores e documentos comprovativos.

X.

Muito bem. Analysemos agora tudo com paciencia, que precisamos todos muito d'ella.

O nosso correspondente está em erro, do principio ao fim da sua carta. Fica admirado? Pois vae ver.

Entre os documentos que nos mandou, que agradecemos, e de cuja veracidade não duvidamos, vem uma carta do sr. T. P. em que este diz: «Vendi o trigo da minha ultima colheita, e logo na occasião da colheita, a 67 reis o kilogramma.» E' o que diz, em resumo, o sr. T. P. Ora vendeu-o a 67 reis o kilogramma? Elle, lavrador, não perdeu nada. Vendeu-o pelo preço que obteria, com despesas de transporte e outras despesas accessorias, no Mercado Central de Productos Agricolas. O correspondente já nos disse que os trigos da sua região não pesam mais de 78 kilos. Que raramente attingem 79 kilos. Ora o trigo de 78 kilos tem o preço legal de 69 réis. O de 79 kilos o preço de 70 réis. O trigo do sr. T. P. pesava 68 kilos? O sr. T. P. *ganhou*, vendendo-o na *localidade* a 67 réis. Gastaria mais de dois reis no transporte para Lisboa e nas despesas accessorias. Pesava 79 kilos? O sr. T. P., vendendo-o a 67 reis, não perdeu coisa nenhuma. Isto quanto ao lavrador. Quanto ao moageiro, ao privilegiado moageiro da região — fez muito bem o correspondente em falar em privilegios — ao felizardo, ao felizardissimo, ao felizardão, que tem a dita de comprar na localidade todo o trigo de que precisa para a sua laboração, o que não succede ao moageiro de Lisboa, do Porto, de Coimbra, de Aveiro, de Ovar, de Vianna do Castello, emfim, **á grande maioria dos moageiros portuguezes**, e quer-nos parecer que o correspondente não deveria discutir — supremo attentado á logica — com as excepções, quanto ao moageiro, dizemos, ao privilegiado moageiro da região, ainda estamos muito longe, mesmo com esse, dos taes 65 réis por kilogramma que o correspondente tomou por base, quanto ao preço do trigo, para os seus calculos sobre os lucros do moageiro.

O sr. T. P., que é, sem duvida, um grande lavrador, vendeu todo o seu trigo, logo na epocha das colheitas, a 67 réis. E por quanto o vendeu o sr. T. R., certamente, tambem, importante lavrador, e auctor d'uma outra das cartas que o correspondente teve a gentileza de nos enviar?

Reproduzamos a carta.

Em resposta á tua carta dir-te-hei que, da colheita passada vendi trigo por varios preços.

Emquanto o nosso amigo J. G. (1) **teve falta** *pagou-m'o a 67 réis o kilo; mais tarde pagou-o a 64 e por fim, já em setembro, creio eu, pagou-o a 61. Como talvez te recordes o meu trigo pesava 79 e 79 e tal.*

(1) Os nomes veem todos por extenso, mas, embora o nosso correspondente não nos tenha imposto a minima reserva, para não haver qualquer melindre fazemo-la nós espontaneamente.

Estas são as unicas cartas de lavradores que o correspondente teve a amabilidade de nos enviar. As outras são de negociantes. Ora vejamos as cartas dos negociantes.

O sr. B. P. diz:

Satisfazendo ao seu desejo procurei os preços actuaes do trigo em differentes casas. A fabrica do sr. J. G. M. compra a 62 réis. A do sr. T. a 62 réis. A nossa empreza a 63 réis.

O sr. J. D. & I. diz:

Trigo, sendo posto aqui no nosso armazem, pagamos a 63,5 réis cada kilo, sendo bem limpo. Sendo recebido na 1. poderemos pagal-o a 50 réis cada litro (1) *visto que lá não ha balanças em condições de se pesar e é costume dos lavradores venderem á medida.*

De tudo se conclue o seguinte. O moageiro da localidade comprou o trigo a 67 reis *emquanto precisou*. O do sr. T. P. comprou-o todo — e não devia ser pouco — a 67 reis, logo na epocha das colheitas. O do sr. T. R. comprou-o tambem a 67 reis **emquanto teve falta.** E' o proprio sr. T. R. quem o diz na sua carta. São palavras suas. **Emquanto teve falta.** Precisou? Teve falta? Comprou o trigo a 67 reis. Não precisou? Não teve falta? Fez o que faz todo o mundo que *não precisa, que não tem falta*: offereceu pelo producto um preço minimo.

Naturalmente o moageiro da região forneceu-se, na epocha das colheitas, de trigo para toda a sua laboração. D'outra forma, *precisava*. D'outra forma, *tinha falta*. Então, qual é o preço que deve figurar como base, mesmo para o privilegiado moageiro da região, o felizardo, o felizardissimo, que tem trigo todo o anno ao pé da porta? E' o preço porque elle comprava o trigo *quando tinha falta, quando precisava*, ou é o preço que elle offerecia quando *não tinha falta, quando não precisava?*

Mas as proprias cartas do negociante indicam que a media tomada pelo correspondente para os lucros do moageiro só se poderia referir, a admittir o preço do trigo como rigorosamente exacto, ás duas fabricas da localidade. Pois que diabo de maneira é essa de fazer calculos? Então quantas fabricas de moagem ha no paiz? Cento e cinco, já o dissemos, só as matriculadas. Se não ha mais alguma, de 7 de agosto para cá. Então o correspondente, dos lucros provaveis de duas fabricas, estabelecidas em região cerealifera, no centro d'uma região cerealifera, portanto em condições excepcionalissimas, generalisava para todas as fabricas do paiz?

O que diz o sr. B. P., negociante, na sua carta? Que compra o trigo a 63 reis. O que diz o sr. J. D. & I.? Que o compra a 63,5 reis. Para quê? Para que compram elles o trigo? Para o enterrarem, como as libras? Não, para o venderem. A quem? Aos moageiros, certamente. E por quanto? Elles ganham, certamente tambem. Portanto, ao preço de 63 e de 63 reis e meio ha que juntar o lucro do negociante. E o transporte? E tudo o mais? Como quer o correspondente, em face d'isso, estabelecer o preço de 65 reis, por cada kilogramma de trigo, para os seus calculos, relativamente aos lucros do moageiro? Como insiste na affirmação de que esses calculos são *absolutamente certos?* Ora valha-nos Deus!

O moageiro da região, o felizardo, não paga o trigo a mais de 62 reis, e faz muito bem, se **não tem falta.** Pois quer o correspondente saber quem compra o trigo a 69 e a 70 reis, considerando-se muito feliz em o comprar por esse preço? Diga, que o informamos.

E' boa! Se o lavrador vende o trigo a 62 e a 63 réis é porque *o quer vender por esse preço.* E quem corre de gosto não cança.

Mas muito nos admira que o lavrador esteja ahi n'essa penuria, quando é certo não haver trigo n'essa região. Quer ver o que o sr. J. D. & I. dizia á fabrica de moagem de Aveiro, em 10 de abril corrente?

Ahi vae, textualmente:

Illm.º Sr.

Respondemos ao seu postal de 8 do corrente.

Hontem mesmo fechámos negocio para a venda do trigo que nos restava. Se comprarmos mais algum, teremos muito gosto em poder vende-lo a V. S.º

Oiça mais.

O sr. A. B. Carvalho & C.ª, de Ponte de Sor, contractou com a fabrica de moagem de Aveiro fornecer-lhe 150 moios de trigo ao preço *d'um real abaixo do preço da tabella*, posto o trigo na estação de Castello de Vide, trigo comprado pelo sr. Carvalho a um lavrador qualquer. Sabe o que aconteceu? O lavrador *roeu a corda*. O sr. Carvalho não quiz fazer o mesmo. Manteve o seu compromisso honradamente. Mas, para isso, teve de comprar os 150 moios de trigo, parte d'elle por um real, e outra parte por dois reaes acima da tabella, posto na estação d'Elvas. Infelizmente o sr. Carvalho não soube que o havia, não mui longe da sua localidade, a 63 e 63,5 réis. D'outra forma, em vez de ter perdido, como perdeu, ganharia ainda muito dinheiro.

O mesmo sr. A. B. Carvalho & C.ª informou o gerente da fabrica d'Aveiro de que o sr. Conceição e Silva, importante moageiro que todo o mundo conhece, lhe fazia a offerta de 1 real acima do preço da tabella, posto o trigo em Lisboa.

O sr. Francisco de Moraes, negociante de cereaes em Alferrarede, está fornecendo de trigo a mesma fabrica de Aveiro ao preço de 1,5 acima da tabella, posto o trigo na estação de Alferrarede.

Isto são dados positivos, que não offerecem duvida nenhuma. E com dados positivos se demonstra, incluindo, como vimos, os proprios dados que o correspondente nos fornece, que o preço de 65 reis por kilogramma é, de todo em todo, insustentavel. Não pode ser.

Mas se os calculos do correspondente não são por esse lado *absolutameute certos*, como pretende, ainda o são menos quando se refere á installação d'uma fabrica de moagem e respectivo capital circulante. Então ahi o erro é crasso. Na verdade, diz o correspondente: «Egualmente se me figura exaggerado o seu orçamento para installação de uma fabrica e respectivo capital circulante, pois de uma fabrica bem montada e em prospera laboração, com a capacidade laboratoria approximada a 20:000 kilos tenho eu noticia de haver custado quantia inferior a 34 contos de reis e possuir um capital circulante inferior a metade do prèço que V. fixou.»

Que abençoada região, essa! Isso é o genuino, o authentico paraiso terreal! Pois fóra d'esse paraiso terreal, saiba v. ex.ª que o negocio fia fino, muito fino, muito mais fino do que isso.

Uma laboração de 20:000 kilos não consome por anno menos de 6 milhões de trigo, contando trezentos dias de trabalho. Portanto, um milhão de kilos em dois mezes. A fabrica não pode deixar de ter armazens para um milhão de kilos de trigo, pelo menos. Ora sabe v. ex.ª quanto custa uma fabrica com armazens para um milhão de kilos de trigo? Precisamente 34 contos de reis. Só o edificio! Note bem: só o edificio! Não lhe conte machinismos! Não lhe conte mais nada! Só o edificio! E o minimo! Ouviu? O minimo! Queremos dizer, ficando a construcção **muito barata!**

Isto não é uma affirmação gratuita. Os armazens da fabrica de Aveiro não comportam quantidade de trigo superior a essa. E sabe emquanto ficou a construcção dos armazens e a construcção do predio? Em 33:119$155 réis. N'estas condições: o gerente da fabrica foi mestre de construcções civis, e mestre muito sabedor, muito habil, como tal *unanimemente* reconhecido em Aveiro. Foi o fundador da fabrica. E' um dos seus proprietarios. Dirigiu, pois, a construcção *gratuitamente*. Poz todo o empenho em que ella ficasse o mais barata possivel. E as obras em Aveiro, feitas d'adobos, n'uma terra onde ha cal, onde ha pinheiros, onde o preço da mão d'obra é regular, não são caras. Não obstante, o edificio, só o edificio, custou, novamente o dizemos, edificio e armazens, 33.119:155 reis. A installação mechanica: machina de vapor e suas caldeiras, machinas de moagem e de peneiração com seus accessorios, assentamento, etc. para uma laboração de **dez mil kilos,** custou 30.458:585 réis. Total: 63.577:740 réis. Como dizbo quer v. ex.ª que a installação d'uma fabrica, com a capacidade laboratoria de 20:000 kilos, custasse *somente* 34 contos de réis? Ora valha-nos S. Pedro, que foi brejeiro. Deus já não tem aqui que fazer nada. Enganaram-no. V. ex.ª foi victima d'um logro.

A laboração da fabrica d'Aveiro é inferior a 20:000 kilos. E não pode desafogadamente funccionar com menos de 250 contos de capital. Capital empatado e capital circulante. Como achou então o correspondente *exaggerado* o nosso calculo para uma fabrica de 30:000 kilos de laboração?

Uma fabrica de 30:000 kilos de laboração nunca pode fazer compras de trigo inferiores ao terço da sua producção. Isto é, não pode ter nos seus armazens, pela base que tomámos, menos de *tres milhões* de kilos de trigo. Ora tres milhões de kilos de trigo a 65 réis — admittamos por um instante os 65 réis, base dada para o preço do trigo pelo nosso correspondente — dão 195 contos de reis. Agora farinha? Farinha nos armazens? Farinha, a prazo, em casa dos freguezes? Ponha-lhe mais 100 contos, e é pouco. Tem 295 contos. Quanto falta, para o nosso calculo dos 300 contos? E o juro do capital empregado no custo da fabrica, dos armazens, do machinismo? Não se conta? Onde fica o exaggero do nosso calculo? Faça favor de dizer.

Quanto ás percentagens das farinhas e dos farellos, estamos na mesma. Não fizemos, não senhor, os nossos calculos sobre tratados e em face das leis. Então quanto dá a lei de percentagem? A lei dá uma percentagem inferior. Nós fizemos o nosso calculo já sobre a *irregularidade* que geralmente commette o moageiro. Não o podiamos fazer. Não o deviamos fazer, porque essa *irregularidade* é tudo quanto ha de mais instavel, tudo quanto ha de mais fallivel. Termina logo que o queiram os fiscaes do governo. Mas fizemo-lo. E se o fizemos, ainda ahi os nossos calculos foram deficientes em vez de serem exaggerados.

Já dissemos aqui que conheciamos estas questões *muito bem*. E conhecemos. Havemos de prova-lo. Não somos um charlatão, nunca o fomos. Portanto, nunca entrâmos n'uma questão *sem estar senhor d'ella*. Em muita coisa nos differençamos, felizmente, dos tratantes que em Portugal se dizem jornalistas. Esta é uma d'ellas. Quando dizemos que *sabemos, sabemos*. E sabemos, sempre que *tomamos a peito uma questão*. D'outra forma teriamos receio, pejo, vergonha, d'entrar n'ella. Metteriamos a cara n'um... bispote, se nos succedesse como ao geral d'esses pulhas — não ha regra sem excepção — que sem sciencia nem consciencia escrevem para ahi nos jornaes.

Não senhor. Podemos estar em erro. Mas procuramos sempre acertar. E esse orgulho, temo-lo. O da nossa sinceridade. O da nossa dignidade.

E continuaremos, porque a questão é immensa.

Immensa! Ainda não dissemos nada.

Entretretanto, desculpe-nos o nosso correspondente qualquer termo mais vivo, filho do nosso modo de escrever, unicamente, e queira continuar.

Continue, diga o que quizer, diga tudo, que temos muito prazer em o ouvir, e o publico que lê, o que estuda, o que se interessa pelas grandes questões nacionaes.

Queira fazer o favor de continuar.

(1) Tem graça, que o paga mais caro. Reduzindo a kiles fica mais caro.

Um grande pulha

Já um grande pulha, como o tal Marinha de Campos, é auctoridade decisiva n'esta terra! Um poltrão, um miseravel, um rabiscador, sem nenhum valor intellectual e nenhum valor moral, um trocatintas, é creatura bastante para, com uma simples affirmação, *commover* o parlamento portuguez!

De resto, a logica da infamia. A coherencia do pulhismo. Onde é auctoridade suprema um Dantas Borracho, onde uma camara inteira se põe ás ordens d'um Affonso Costa, que admirar, que esperar?

Mas isto é o fim d'uma patria! Isto é o anniquilamento d'uma raça! Um anniquilamento torpe, indigno, ultra-vergonhoso!

Accordae, miseraveis que vos dizeis portuguezes! Accordae, escravos!

Accordae, farçantes, que andaes para ahi sempre a apregoar glorias e reliquias! Que andaes para ahi sempre a encher a bocca com homens de bem!

Onde estão os homens de bem?

Que vergonha!

O Affonso Costa a proclamar na camara o Marinha de Campos como *homem honrado*. E a camara a acclamar a *honra* do Marinha de Campos!

O que isto desceu!

E, afinal, em que consistiu o grande *depoimento* de Marinha de Campos? N'um *diz-se*... desmentido!

Disseram ao pulha que Pedroso de Lima affirmara isto ou aquillo. Mas Pedroso de Lima contesta. Pedroso de Lima declara que são *inteiramente falsas* as palavras que lhe imputam. E o que responde o pulha? O safadissimo pulha? O ignobil pulha? Publica, ao menos, o nome da pessoa que *lh'o disse?* E tem, ao menos, auctoridade essa pessoa, *se alguem lh'o disse?*

Não. Limita-se a replicar vagamente que Pedroso de Lima *o dissera* deante de vereadores republicanos, e, eterno covardão a querer impar de pimpão, *prohibe* a Pedroso de Lima que *volte* a contesta-lo. Mas Pedroso de Lima *não obedece á intimação* e responde assim, como vemos do *Liberal:*

O "Mundo,, n'uma declaração assignada pelo sr. Marinha de Campos diz hoje, que eu, conversando na sala das sessões preparatorias da Camara Municipal, com vereadores e outras pessoas, affirmára que o sr. Hinton dissera, que quem mais dinheiro lhe custára tinha sido um director geral.

Hoje, dia de conferencia da vereação municipal, tive a satisfação de ouvir aos ex.mos vereadores presentes, os srs. Anselmo Braamcamp, Carlos Alves, Miranda do Valle, Nunes Loureiro, Dias Ferreira, Barros Queiroz, Ventura Terra, Verissimo de Almeida, Vieira, Thomaz Cabreira, que nunca me tinham ouvido semelhante cousa e que nunca tivera com elles, ou na presença d'elles, tal conversa.

Como o sr. Marinha de Campos diz, que a minha declaração fôra feita na presença de vereadores, fica assim confirmado o desmentido que mais uma vez mantenho, publicado no "Diario de Noticias,, de 18 do corrente.

Lisboa, 20 d'abril.

De v. etc.,
Pedroso de Lima.

Em que attitude fica, depois d'isso, o pulha-mór, o miseravel que só no partido republicano poderia ser *figura de destaque e jornalista*, o bilontra, o covardão que se chama Marinha de Campos?

Em que attitude fica o safadissimo malandro que se chama Affonso Costa e que em plena camara proclamou *homem honrado* o pelintrão do Marinha de Campos?

Em que attitude fica a opposição monarchica, que fez *cavallo de batalha* da affirmação de Marinha de Campos?

Em que attitude fica a maioria, que em religioso acatamento consentiu n'aquillo tudo?

A camara não precisava ser dissolvida. Precisava ser corrida a chicote, simplesmente.

Não dissolvam camaras. Se este paiz é incapaz de liberdade, se não sabe fazer uso do parlamento, acabe-se definitivamente a impostura, ponha-se termo final á hypocrisia e feche-se isso, de uma vez para sempre.

* * *

Já estava composto isto quando no orgão da Margarida das Flores e da Emma se sahe o archi-pulha do Cunha e Costa a declarar que quem referiu ao grande pulha do Marinha de Campos as palavras attribuidas a Pedroso de Lima fora elle, archi-pulha Cunha e Costa.

E o grande pulha do Marinha de Campos commenta: *agora, com o testemunho do honrado cidadão Cunha e Costa, que se atreva Pedroso de Lima a desmentir-me!*

A que isto chegou! Uma patria *ás ordens*, positivamente *ás ordens* d'estes pulhas, d'estes presidiarios, que toda a gente conhece como pulhas e canalhas da mais infima especie!

A falarem em honra! A invocarem brio e dignidade a toda a hora!

Isto não é uma patria. E' uma cloaca. E a mais immunda cloaca que se conhece na historia.

HINTON

Porto, 20-IV-910

. . . Sr.

Permitta-me V. que eu chame a sua esclarecida attenção para aquelle monstro a que chamam a *questão da Madeira*, a *questão saccharina*, a *questão de Hinton*. Li com avidez o ultimo n.º do *Povo d'Aveiro*, como sempre, principalmente para vêr o que dizia sobre a questão.

Não me desagradou, mas tambem não fiquei contente. Havia-me esquecido de prevenir V., pois que tendo eu recommendado muito o *Povo d'Aveiro* no Funchal, onde julgo que continua a ser procurado com avidez, desejaria que mais detidamente V. tratasse d'aquella momentosa questão d'um modo sympathico á grande maioria da população.

Hoje a questão está á vista e é bem conhecida nos seus detalhes. Hinton é realmente um homem serio e honrado; inglez de sangue, português de nascimento, muito affecto e dedicado á ilha da Madeira onde tem prosperado, ajudando a desenvolver espantosamente a agricultura da ilha, interessando-se pela sua prosperidade que levaria longe, se outros inglezes (verdadeiramente exploradores) não malsinassem por inveja as suas intenções e os seus grandes planos de melhoramentos para aquella ilha. Ninguem ali se havia abalançado a arriscar grandes capitaes no desenvolvimento da industria saccharina. Mas fel-o Hinton, porque é um homem emprehendedor. Porém, como a cultura da canna saccharina é difficil na ilha, sendo preciso o Estado construir grandes levadas de irrigação—fez-se cercar Hinton de umas certas facilidades e concessões que beneficiavam tal industria. Os governos fizeram-lhe certas concessões com que elle lucrou, é certo, mas que se reflectiam na vida e prosperidade da ilha porque todos cultivavam a canna por a venderem cara ao Hinton.

Todos lucravam. E muitos lavradores abusaram espantosamente porque foram cultivar canna nas serras, a certas altitudes que davam pouca percentagem de assucar e que o Hinton era obrigado a comprar, por menor preço, é verdade, mas um canudo certo. Sob o regimen das concessões bem ou mal feitas pelos nossos homens publicos a ilha prosperava e o Hinton fazia negocio e tirava resultado dos enormissimos capitaes que immobilisou na fabrica. Elle cumpria rigorosamente o contracto a que era obrigado. Mas a lei dos vinhos do anno passado publicada sem elle ser ouvido na fabricação do alcool feriu-o gravemente. Como elle era inglez reclamou. Se fosse portuguez ficava esmagado e viria a questão á supuração e ella ahi está a ser estragada no parlamento pelos tratantes que de tudo se aproveitam para fazerem politica adversa aos gabinetes e destruirem tudo não se importando da vida da ilha nem dos interesses do paiz. Aquella ilha só é portugueza no nome e não me admira que ámanhã a Inglaterra tome conta d'ella se por cá se fizerem muitas brutalidades.

A colheita de canna actual é valorisada em cerca de 1:500 contos; já devia ter sido começada a colher para a laboração da fabrica. Mas está claro que Hinton não matricula este anno a fabrica nem trabalha se lhe alterarem desfavoravelmente as condições em que até aqui trabalhava. Elle perde, de certo, mas os agricultores ficam arruinados. D'ahi a celeuma que se levanta.

Não posso detalhadamente estar a enfadal-o com o desenvolvimento de tudo o que sei a tal respeito. Leia V. dois artigos da *Palavra* publicados em 15 e 16 [salvo seja] do corrente, e com isso e com estas ligeiras informações escreva V. alguma coisa agradavel á Madeira, partindo dos principios que quem tem prejudicado agora a questão foram os manigantes do parlamento e a incuria e pouca attenção dos nossos homens do governo que deixavam ha muito as justas reclamações de Hinton sem serem attendidas. Fóra Hinton, dizem elles, abaixo Hinton... Pois sim. Mas quem tem uma fabrica, ou quem a monta, capaz de laborar toda a canna saccharina da Madeira? Quem ha ahi que gaste de prompto 1.500 contos de contado a dinheiro para a compra da colheita aos lavradores, milhares de lavradores?

Quem ha ahi que immobilise de prompto 1:000 ou 1:200 contos n'uma fabrica com todos os apparelhos e installações proprias?

E' só berrar, berrar...

O Hinton [dizem-me) no começo das suas reclamações ordenou ao seu socio que se achava ha mezes em Lisboa, que consultasse o Affonso Costa para lhe tratar da questão em Lisboa. Elle chamou a si toda a papelada, leu, estudou a questão e pedia rios de dinheiro para tratar em Lisboa d'aquillo.

O Hinton não achando conveniente deixar-se roubar, desistiu do tal menino. Mas este vendo fugir-lhe uma boa maquia, tirou copias de varios documentos e jurou vingar-se do Hinton e de todos os politicos que lhe haviam feito concessões, e logo levantou a questão nas camaras até de um modo irritante e quasi de surpresa.

Um grande manigante...

Se aquellas concessões se fizeram ao Hinton é por que ellas eram precisas á industria artificial da cultura saccharina na ilha, para acudir á vida d'aquella gente. Sem isso nem o Hinton nem outro trabalhariam em assucar, como mais ninguem trabalha, podendo trabalhar quem matricule as fabricas.

—Diz-se aqui que o manigante T. de Sousa mandou fazer aquellas bernardices n'esta occasião em Alijó, na Carrazeda e no Tua só para ajudar a criar difficuldades ao gabinete.

Tudo isto precisa de tareia a valer. E' uma corja de tratantes, mas o governo tem tido gente inhabil na camara.

Uma tristeza...

Desculpe-me V. esta massada. Dê-lhes para baixo e diga coisas agradaveis á cultura do assucar na ilha.

X.

Já dissémos, no numero passado, que não sabemos *nada*, mesmo *nada*, d'essa questão da Madeira. Não nos podemos, por isso mesmo, pronunciar com segurança por este ou aquelle lado. Seria preciso conhecer a Madeira, a sua economia, a sua agricultura, a sua industria, a sua historia, e isso só indo lá. Se nos podessemos pronunciar, pronunciarmo-nos-hiamos, sem olhar a interesses de qualquer ordem. Nem aos nossos, nem aos alheios.

Temos a maior consideração pela pessoa que escreve esta carta. E devemos-lhe uma grande sympathia pelo *Povo de Aveiro*. Mas devemos dizer que nunca escreveriamos aqui uma palavra *só para agradar* aos nossos leitores da Madeira, ou de qualquer parte. Não. Isso não. Nós escrevemos sempre segundo a nossa consciencia. Isso dá-nos muitos leitores? Dá-nos poucos? Não sabemos. E nem queremos saber. Se nos dá muitos, melhor. Mas se nos dá poucos, paciencia. Não queremos andar ao sabor dos interesses, das paixões ou dos gostos dos leitores. Queremos só andar ao sabor da justiça e da verdade.

Nada sabemos, repetimos, da questão Hinton. Mas a nossa impressão é sempre a mesma.

Estamos em face de mais uma carrapata filha da nossa eterna incuria, da nossa eterna falta de civismo, emfim, da nossa incapacidade intellectual e moral.

Hinton será um homem honrado. Não o parece! Basta esse facto, se é verdadeiro, de ter procurado o Affonso Costa. Para que o procurou? Evidentemente, para especular. Mas se o Hinton não é um homem honrado, tambem o não são os miseraveis que no parlamento o combatem. Não é por patriotismo, não, que o combatem. Sobre isso não temos a menor duvida.

Esse Affonso Costa, sobretudo, é um bandido. Como esse bandido está a soldo de todo o mundo! Hinton não chegou ao preço? Chegou o Blandy, ou qualquer outro. Elle não está a fazer aquillo tudo só *por amor da patria*. Isso é que não está.

Emfim, uma cloaca. Uma grande cloaca. Isto não é uma patria. Isto é uma cloaca. Não conhecemos termo que dê melhor ideia d'esta immundicie nacional.

—†—

Lisboa, 20-4-910.

. . . Sr.

"Só enforcando uma boa duzia de politicantes ahi nos candieiros da baixa para escarmento, é que isto iria!,,

A phrase não é minha, ouvia-se pelas livrarias, pelos cafés, pelo Rocio, e em toda a parte na noite de hontem, attenta a freima cega e truculenta d'esse syndicato torpe do *Seculo, Mundo, Novidades* e *Dia*, com o infame Affonso Costa á frente, no parlamento, e com esse brutamontes reles e sem escrupulos quer dos dinheiros publicos, quer de tudo aquillo de preço venal, o já agora emerito Teixeira de Sousa, syndicato que á *outrance*, quer deitar a terra o governo, para ir lá fazer das suas... Sim, todos sabemos das suas ancias de dinheiro, dos seus apuros, em que de ha muito se sentem duramente apertados.

Era esta mesma gente que o fallecido rei D. Carlos queria pôr fóra do poder, desse por onde desse. E por isso estão furiosos de ha muito. E' isto o que por ahi se diz por Lisboa toda.

"*Ça ne marche, pas*,, anotava o reporter ladino, olhando este estado parado, indifferente e bronco d'esta apathia portuguesa. E como ha-de isto caminhar com chefes de partido... de quadrilha?

Emfim, se ha meio de os enforcar, vamos a isso! O exercito que se mecha, porque só elle os sustenta, ampara e segura. Se os deixasse entregues á sua sorte, o povo lynchava-os ahi num abrir e fechar d'olhos.

E realmente, toda a vida portugueza se encontra parada e attonita. O commercio, a industria, a agricultura, as artes, os officios, tudo, absolutamente tudo, se acha como que estagnado e em vesperas de uma grande e pavorosa *débâcle*, motivada afinal por quem? Por um bando de troquilhas e ladrões torpes que a pontapé, bastava, seriam levados de roldão para as profundas do inferno!

E o governo, que com um simples cumprimento do regimento, — pondo alguns d'elles no olho da rua, — o governo está em vesperas de dissolver as côrtes, fazer, tecêr, acontecer... e só faz o seu descredito, pelo temor que manifesta deante de semelhantes pulhas, infima canalha d'este paiz de miseraveis! Bonito quadro!

—†—

Lisboa, 21-4-910.

. . Sr.

Ahi vae esta informação, unica no seu genero.

Blandy, Affonso Costa & Comp.ª

Todo este barulho, como o dos Sanatorios da Madeira, tudo isto se cifra no poderio cioso de Blandy, de quem Affonso Costa faz o jogo que ahi se vê dos assucares, etc., etc. E o procurador aqui, do mesmo Blandy, é um tal Verissimo.

Quem na Madeira pretender levantar cabeça — como ora o Hinton — já sabe a sorte que o espera.

Esta casa Blandy estabeleceu-se haverá um seculo na Madeira e tem estendido os seus tentaculos, empolgando toda a ilha.

Mas vejamos. Aqui ha tempo, Manuel Gonçalves, grande emprehendedor e homem de rara energia, procurou o auxilio de Blandy, e como este lh'o negasseo procurou elle proprio fazer por sua conta o negocio de carvão, açambarcado aliás pelo referido Blandy; de tal modo se houve, que indo a Inglaterra, conseguiu que uma casa importante o favorecesse,

Entretanto, é claro, soffria uma guerra affrontosa do mesmo Blandy, — aguentando-se, porem, graças á força da casa que representava.

Mas Gonçalves que não era homem para se não pagar, lá arranjou que os allemães obtivessem a concessão do Sanatorio, para contrabalançar quanto possivel a acção empolgante do maldito inglez, e conseguiu-o, como se sabe. O resultado, porem, foi Blandy pôr em jogo toda a sua influencia para afastar os allemães, e o resto sabe-se: pagou-o o paiz, com 1:200 contos de reis!

Ora, na camara ninguem, absolutamente ninguem, teve ainda coragem para dizer ao mariola infamissimo do Affonso Costa, que se elle tem documentos, etc. e tal, é tudo isso intrigalhada de quem o traz a soldo, a a elle — o mastim de parceiros e companhias onde impera o impudor e a infamia!

Ahi tem V. o que corre por esta Lisboa toda.

De V. etc.
P. B.

P. S.—Hoje o Blandy, conhecendo a força do Gonçalves já o chamou a si.

Um Antoninho

Mandam-nos um *Diario Popular*, com um artigo marcado, e encimado por estas palavras: *attendite et videte, et admirate!!!*

O artigo é assignado por Antony, abreviatura de Antoninho e de toda a prosa lida conclue-se que Antoninho não pode ser outro que Alfredo Gallico.

Affirma o sr. Antoninho que a commisão nomeada pela camara dos pares para dar parecer acerca do castigo disciplinar applicado ao general Borracho foi de opinião que o ministro e o governo commetteram uma illegalidade. E Antoninho troveja que realmente foi uma illegalidade. Que Borracho foi *tarimbeiramente* castigado. Que no caso Borracho o ministro Cardeira cardou illegalmente a lei da illegalidade.

Que caserna como caserna e camara dos pares como camara dos pares. Que a mistura d'estes dois elementos produz a mixordia inaceitavel da violencia e do ataque ás leis.

Sim senhor. Mas então seja logico e confesse que a mistura do seu miolo syphilitico com os seus unguentos de moralista dá uma mixordia muitissimo peor.

Só faltava que este Alfredo Gallico armasse em critico honesto para defender o Borracho e chamar ao attentado commettido com este... uma *obscenidade politica!*

Agora sim. Está completo.

Ainda havemos de ver este Alfredo Gallico e a Emilia d'Oliveira formando o andor da pudicicia na futura procissão republicana. Sob as azas protectoras do Bombardino Rachado.

Que alfobre de pulhas, n'esta cloaca maxima!

De Nenhures

De maneira que, dizem-me, sem a questão dos filhos você não poria obstaculo algum ao divorcio.

Nenhum!

O *Povo de Aveiro* não tinha, ha um anno ainda, nem a quinta parte da leitura que tem hoje. Tivesse-a, e ninguem me faria as perguntas que estou recebendo agora. E sabem porquê? Porque eu já tratei esta questão lucidamente. Completamente. E lucidamente.

Eu já disse que sem filhos e sem procreação estava resolvida a questão do feminismo e a questão do divorcio. *Esterilizem* a mulher. Agora é moda esterilizar tudo. Pois façam favor *d'esterilizar* a mulher. E, depois, sim, vem o comêta e dá com isto em pantana.

Tambem esta semana recebi uma carta, de um leitor do *Povo de Aveiro*, a pedir-me que tranquillizasse os animos sobre o *fim do mundo* no dia do comêta. Ah, descancem, isto não vae assim. Deus quer divertir-se e ainda se não divertiu bastante. Eu não quero pôr em duvida a seriedade de Deus. De modo algum. Mas uma creatura pode gostar de se rir, por mais séria ou mais grave que seja. Deus é sério. Deus é grave. Mas eu desconfio, ha muito, que é pandego. Deus gosta de se divertir. Deus gosta de se rir. E foi para isso que inventou o homem, que não é mais que um bôbo, ao que parece, da côrte celestial. Imaginem o que Deus se ha de rir! Deus a ver o Calcinhas, por exemplo, do alto dos céos! O que elle se ha de rir!

Não, isto não vae assim. Nem metade nós percorremos ainda da corda bamba. O melhor do entremez está para vir. Soceguem. Estejam tranquillos. Absolutamente tranquillos.

O mundo não acaba assim, pelo menos sem a senhora D. Maria Velleda e a senhora D. Anna de Castro Osorio pôrem calças, sobrecasaca e chapéo alto. Já viram alguma d'essas senhoras n'essa toilette? Eu creio que não. Não sei. Mas creio que não. Se viram, é obra. Se alguem viu, avise, que eu então quero morrer de balão. Então o caso vae de pandega. Morremos todos? Vae de pandega, que o merece o negocio. Avisem, que então é certo. Deus cançou-se. Não quiz ver o resto. Enfastiou-se do bôbo e sacode-nos com um impeto formidavel da sua justa indignação. Então é certo. O comêta arrasa-nos. Mas ainda ninguem viu nem a senhora D.Maria Velleda nem a senhora D. Anna de Castro Osorio na sua almejada elegancia das calças, sobrecasaca e chapéo alto? Então estejam tranquillos, absolutamente tranquillos, que não vae d'esta. Então Deus continua a divertir-se, simplesmente. Quiz ver o effeito d'uma nova ameaça n'esta besta que se vae suppondo, já, egual á divindade. E deve estar satisfeito. Oh, se deve estar satisfeito!

Esta besta, que anda ahi a apregoar, a toda a hora, que não tem medo da morte, nem mesmo sabendo que *morria tudo* poude ficar socegado!

Deus não teria melhor meio de conhecer a charlatanice da humanidade. Porque o homem é sobretudo charlatão. Deus, creando-o, não creou nenhuma obra prima. Tambem d'isso se não pode gabar! Deus creou um ente mesquinho, *poseur*, enfatuado, ridiculo, charlatão. Digam ahi a qualquer *bicho*, de figura humana, que tem medo. Hein? Oh, diabo, que tal disseste! Elle enfurece-se. Só por lhe dizerem isso é capaz de matar um similhante.

Hein? Ter medo! Quem se atreve a dizer ahi que qualquer bicho barbado tem medo de morrer? Elle affronta a bala no campo da honra, elle affronta a dynamite no campo da batalha, elle é capaz de se deitar debaixo do comboio só para mostrar que não tem medo da morte. Da morte! Quem tem ahi medo da morte? Quem diz isso? Mas faz faz o divino cara feia—não é preciso mais nada—e o *poseur*, o farçante, o charlatão, põe-se a tremer, a tremelicar, horrorisado, apavorado, com os cabellos em pé, que até faz dó.

Comprehende-se que o homem tenha saudades da vida, que é bella. No meio de tudo, é bella. Mas para elle ter saudades da vida, a primeira condição é que a vida exista . . . para os outros. Ora se o cometa desfaz a terra, o que nos mette medo, o que nos horrorisa, o que nos faz ter receios e pavores? Pelo contrario, deveria ser motivo de jubilo. Sempre tinhamos de morrer, não é verdade? Então, que melhor coisa que irmos todos d'enxurrada?

Estejam socegados. Deus quiz apenas experimentar, mais uma vez, o valor d'este animal, que tem a audacia de se dizer feito á sua imagem e similhança. Quiz-se rir mais uma vez á custa da sua impostura, da sua hypocrisia, da sua estupidez. E deve-se ter rido a valer, com todos os devaneios, theorias, hypotheses, terrores, que ahi vão desde que houve noticia do cometa.

Mas voltemos atraz.

Esterilizem a mulher. E então, sim, venha tudo o que quizerem.

Então, sim, entremos no reino da orgia, para ahi tão preconisado.

Das duas, uma. Ou nós seguimos as leis da natureza, ou não. Chamemos a besta humana, a ridicula creatura, por instantes, ao campo da realidade. Somos superiores á natureza, ou não? Estamos, ou não estamos condemnados a seguir as leis a que obedecem imperiosamente os outros animaes? Se estamos, é a moral velha que subsiste. Vinga a escriptura. *Crescei e multiplicae-vos. Pó eras e em pó te has de tornar.*

Deixemo-nos de philosophias á Theophilo. A' Maria Velleda e á Theophilo. Embora o Theophilo, ao que consta, não seja partidario do divorcio. Somos, antes de tudo, animaes? Estamos, antes de tudo, subordinados ás leis geraes da natureza? Então, a nossa primeira missão é procrear. A nossa primeira missão e quasi que exclusiva missão. Não viemos ao mundo senão para isso. E se viemos ao mundo para isso, macho e femea devem-se ao filho. Nem macho nem femea podem pôr o seu egoismo acima da sua missão exclusiva, da sua capital obrigação. Um e outro hão de crear o filho, cada qual segundo as forças e os meios que lhe deu a natureza. A femea fica no ninho. O macho sahe, a procurar o alimento e a defender o ninho.

As funcções não se podem inverter. Os cuidados não se podem transferir. A femea não se pode negar a procrear. Nem a aleitar. Nem a ficar junto do filho, primeiro e antes que o macho. O macho não se pode negar a procurar o alimento e a vir traze-lo, todos os dias, ao seu lar. Negou-se? Qualquer d'elles negou-se? Qualquer d'elles abandonou o filho antes do filho estar em condições de *por si proprio se governar?* E' o zangão. Mas o zangão da natureza e não só, já, o zangão da sociedade. Ou a sociedade humana tem menos juizo que a sociedade das abelhas, ou ella expulsa o zangão que abandona o filho antes do filho estar creado. E ou o comêta desfaz a terra com uma pancada do seu rabo, acabando com isto por uma vez, ou a natureza, por fas ou por nefas, elimina o zangão que se nega a procrear.

Seguimos as leis da natureza, ou não? Eis o caso, na sua mais extrema, mas na sua mais lucida simplicidade. Se seguimos, não é o pae que está acima do filho, é o filho que está acima do pae. Se seguimos, não é o goso que domina, a orgia, a liberdade. E' o sacrificio, a prisão, o trabalho. *Crescei e multiplicae-vos.* O homem produz o filho, cria-o, fa-lo homem por seu turno, gravita em volta d'essa missão exclusiva, e morre. Pó era. Em pó se vae tornar. Pode cantar liberdades, ideaes, *grantámures*, quantos disparates lhe vierem á cachimonia. A sua orbita é aquella. E d'ahi não pode sahir. E d'ahi não sahe.

Mas não seguimos as leis da natureza? Então deixemo-nos de sophismas. O divorcio é um sophisma. Uma hypocrisia. Uma mascara. Então venha o *amor livre*. Fóra a mascara. O amor livre, que se não é um producto da civilisação é, ao menos, um producto da animalidade. Então venham as mulheres com calças, esporas e botas de montar. Então homens e mulheres larguem o lar, que já não é preciso lar para nada. Então venha a pandega, a orgia, o rodopio da valsa. Então a mulher que arranque o utero. Ou que dispense o homem. E' melhor. Para arrancar o utero tem de tomar chlorofornio. E' uma maçada, e o *ideal* é, precisamente, pôr termo a todas as maçadas. Então acabe-se o duello dos dois sexos. E só ha uma maneira d'elle acabar. E' mulheres com mulheres, homens com homens E' melhor. Nada d'arrancar o utero. O chlorofornio cheira mal. Embebeda. Faz vomitar. Mulheres com mulheres, homens com homens! Então não se trabalhe. Trabalhar para quê? Para uma geração, isto dá. Dá para todos. E á farta. Nem então o anarchismo puro pode ser um facto. Nem então! Porque se o fosse, á dentada e aos coices, a tiro e á facada, acabava-se tudo antes do rabo do cometa cá voltar. Mas, emfim, chegamos a meio anarchismo. Já não é mau. E, depois, sim, é certo. Deus viu, emfim, o que dava a humanidade. O bobo dá em malandro e devasso. Em borracho. Insupportavel borracho. Já não pode divertir a divindade. E ou vem outro diluvio, ou o castigo de Sodoma e Gomorrha, ou Deus arruma, emfim, com o cometa para cima de nós, e vae tudo pelos ares, feito em cacos.

Hein? Os leitores riem-se? Pois não se riam, que, a brincar, não fizémos senão registar, vir registando, talvez, um grande facto.

Essa coisa de diluvio, essa coisa de Sodoma, esses desastres biblicos ou lendarios, não indicam, em synthese, senão um facto: que as civilisações envelhecem, como tudo, e, como tudo, morrem. Morreram as velhas civilisações. Ha de morrer a nossa.

Parece, infelizmente, haver um limite, já marcado, de ha muitos annos já marcado, aos progressos da humanidade. Ella avança, avança, até chegar lá. Mas lá está escripto, a caracteres de fogo ou de sangue: *d'aqui não passarás.* E quando chega lá apparece... *atmosphera de cometa.* Ha uma embriaguez, um envenenamento, qualquer coisa, que produz uma orgia delirante. A orgia das velhas civilisações orientaes e das velhas civilisações occidentaes. De Sodoma, da Babylonia, do Egypto, de Roma. A humanidade apodrece. Afunda-se. E do mar revolto surge uma nova humanidade. Rude, barbara, selvagem. Para recomeçar!

Será a China, agora, o Japão, a Asia, a Africa, que acordam, que parecem accordar?

Não sei. Mas isto da Europa e da America está gasto. Parece, por seu turno, prestes a afundar-se.

C.

Archi-pulha

No *Diario do Governo*, de 19 do corrente, lê-se:

ARREMATAÇÃO

50—No dia 4 do proximo mês de maio, pela 1 hora da tarde, á porta do tribunal do 1.º districto fiscal (Praça de Luiz de Camões n.º 22, 1.º andar), se ha de proceder a arrematação em hasta publica pelo maior lanço que se offerecer dos bens moveis penhorados a José Soares da Cunha e Costa, para pagamento de divida á Fazenda Nacional. Lisboa, 1.º districto fiscal, 12 de abril de 1910—O escrivão privativo, Antonio Nogueira Simões e Silva.
Verifiquei—o Juiz de Direito—*Motta Prego.*

Archi-pulha. Vejam a que chega este malandro! Vejam, cada vez mais, o que é, o que vale, essa quadrilha infamissima que dá pelo nome de partido republicano!

Este bandalho ganha *um dinheirão*. Ou tem ganho. Elle proprio o tem confessado. Este bandalho — ou nós não o conhecessemos de gingeira — não está sem ter feito suborno na camara municipal. Elle ha de ter recolhido *d'aquelle sacrificio*, fatalmente, uma boa maquia de dinheiro. Pois a nada lhe chega, o malandro! E desce até á extrema pulhice, elle, figura de destaque no partido da redempção nacional, elle, aspirante a deputado e ministro, elle, vereador do municipio de Lisboa, elle, exemplar moral, elle, guia espiritual, de deixar vender a mobilia por dividas á fazenda nacional!

Archi-pulha!

E assim, por tudo e em tudo, se vae revelando o partido que se propunha reformar os costumes, regenerar a patria, levar, material e moralmente, este povo . . . a porto de salvamento!

Chega a parecer impossivel que haja n'esta terra tanto tratante, tanto pulha!

Que collecção! E logo se juntaram todos, e quasi todos, no partido que veio . . . para regenerar a patria e reformar os costumes!

A GRANDE QUADRILHA

. . . Sr. Director do *Povo de Aveiro*.

Ha muito tempo que leio o seu jornal. Com franqueza lh'o confesso: não concordava com a forma aspera e dura dos seus artigos. Hoje, estou completamente convencido de que só a «porrada e agua á jarra» pode metter tudo *isto* nos devidos eixos.

E' digno de todo o louvor o seu nobre procedimento. Atáca e defende-se como um leão, mas o seu grandissimo esforço, isolado, não é sufficiente para destruir a *grande quadrilha!* E' necessario que o publico sensato lhe forneça elementos verdadeiros para V. atacar com mais efficacia e abrir maiores brechas n'essa grande quadrilha em principios de decomposição. Vou, pois, fornecer-lhe alguma materia prima.

O Carlos Amaro que foi prégar moral, a Aveiro, no seu julgamento é um dos novos da quadrilha, mas já com um passado vergonhosissimo. Durante a sua vida academica, em Coimbra, e actualmente em Lisboa, continua a ser um discipulo do porcalhão Borracho: tombador de queixo. Os calotes que deixou em Coimbra são numerosos. Mas o peor, sr. redactor, a grande infamia d'este *republiqueiro* pelintra, foi levar a vergonha e o desespero ao seio de uma familia honesta que habita em Coimbra. Eu lhe conto:

Quando ainda estudante da Universidade conseguiu insinuar-se no coração d'uma pobre rapariga filha de gente modesta. Pouco depois de lhe facultarem a entrada em casa abusou torpemente da pequena! Foi illudindo a familia com promessa de casamento até que se apanhou formado. Hoje, ainda se vangloreia do *grande feito!* Que diz a esta indignidade? Se o pae da pobre pequena fôsse homem de coragem, que a não tem, desancava este malandro.

— Outro: Manuel Ribeiro Alegre, um que V. já tosou nas columnas do *Povo de Aveiro*. Formou-se á custa dos empenhos do Conde de Agueda. Receando, sempre, ficar reprovado, pedia encarecidamente ao dito Conde que o salvasse e este com toda a dedicação, nas proximidades dos actos, ia a Coimbra tratar pessoalmente dos pedidos. Se não fosse este protector ainda era estudante da Universidade. Como lhe pagou? Fazendo-se *republiqueiro* depois de formado e casado com uma senhora que elle julgava muito rica, guerreia o Conde. Durante a sua vida academica nunca manifestou tal ideia. Conheci-o de perto. O alfaiate Mendes de Abreu, que mora em Coimbra, na rua Ferreira Borges, em frente do Arco d'Almedina, ainda chora uma enorme conta de fatos, para uma tourada na Mealhada, em 1905 e que este sr. Alegre republiqueiro nunca fez tenção de pagar!

— Ainda uma pequena elucidação para desfaser a lenda de valentão d'um já muito seu conhecido. Quero referir-me ao Marinha de Campos. Recorda-se, sr. redactor, das bofetadas applicadas pelo advogado Arruela no Alexandre Braga, por causa do celebre julgamento do Leandro? Ora, o dito Marinha commentando, na *Lucta*, o facto, foi desagradavel para o Arruela. Este, encontrando-o, pouco depois, na rua do Ouro, applica-lhe duas fortes bengaladas preparando-se para mais, mas o *grande valentão* recua e não se desafronta! Implora a mêdo: «lá está V. com as suas imprudencias! socegue que vou dar-lhe todas as satisfações». Pouco depois seguiam para o escriptorio do Arruela! O publico ria da enorme covardia! Garanto-lhe, sr. redactor, a veracidade do facto, pois fui uma das testemunhas que tambem riu.

Esta já vae longa e se V. quizer irá mais e melhor.

De V. etc.
UM CONSTANTE LEITOR.

Pois venha mais. Quanto mais, melhor.

CARTAS LISBOETAS

20 de abril

Esta questão Hinton, dos assucares da Madeira, se é, debaixo d'um ponto de vista geral, a questão do paiz, a eterna historia dos erros e transigencias dos governos portuguezes, é, encarada sob um aspecto mais particular, a velha historia da influencia ingleza na Madeira, da qual não poderam nunca triumphar aquelles que um dia pensaram em oppôr-se-lhe.

Ha muito tempo que vem pesando sobre os madeirenses a tutella britannica, de que a celebre questão dos *Sanatorios*, por exemplo, foi resultado, e no Funchal não se faz coisa que possa, ainda que levemente, affectar os interesses dos subditos da Inglaterra.

O que se dá agora com Hinton deu-se com W. Reid a proposito da expropriação dos terrenos para os sanatorios, deu-se com a projectada companhia vinicola que não chegou a formar-se, por não estarem de accordo as casas inglezas de exportação de vinhos, dar-se-ha sempre que os inglezes queiram.

No questão dos sanatorios argumentava-se com a immoralldâde do jogo na ilha, onde toda a gente sabe que sempre se jogou, antes e depois da concessão Hohenlohe, quer em clubs nacionaes quer em casinos extrangeiros, e ninguem ignora que eram os inglezes quem, pelo menos, inspirava a campanha jornalistica que contra a empreza allemã se levantou.

Era o jogo que os apoquentava? Sim, era o jogo, mas não o dos casinos—o seu jogo.

Eram os hoteis allemães, montados nas melhores condições de luxo, de conforto, de hygiene, rivalisando com os hoteis inglezes; eram as companhias de vapores fornecendo-se do carvão de Hoffmann; era o exportador de vinhos, que tão largamente tem contribuido para a decadencia economica da ilha, sériamente ameaçada nos seus interesses; eram as viagens costeiras mais baratas pela concorrencia dos novos vapores; era o carvão de pedra mais barato — era, n'uma palavra, o allemão, emprehendedor e audaz, lançando enormes capitaes para subjugar o pratico inglez victorioso.

Isto disse-se em jornaes, não é, de agora, desabafo bilioso de sujeito que queira morder na reputação dos jornalistas insulanos que trataram o assumpto. Disse-se largamente, rija foi a campanha e não é exaggero dizer-se que, de parte a parte, se atiraram as ultimas.

Quem conhece um pouco da historia politica da Madeira nos ultimos tempos — e ella não é das menos interessantes como documento de psychologia collectiva e como subsidio para a historia politica geral — sabe perfeitamente que não ha n'isto exaggero de especie alguma.

Sabe egualmente que a essa lucta de interesses oppostos, inglezes d'um lado, do outro allemães, não foram extranhos os partidos politicos, antes os odios se acirraram mais entre progressistas e regeneradores, tendo os seus orgãos jornalisticos defendido com ardor aquelles os interesses inglezes combatendo a empreza Hohenlohe, estes os allemães a combater a influencia britannica.

E os que, então, combatendo o *perigo loiro*—como se chamava á invasão dos allemães de lunetas de aro d'ouro e bigodes á *kaiser* — defendiam, aberta ou indirectamente a influencia britannica já tinham estado contra essa influencia nos tempos, se a memoria não falha, da candidatura regeneradora do sr. Quirino Avelino de Jesus.

O que se disse, o que se escreveu d'esse homem, a quem se accusou de representar em côrtes os interesses dos inglezes, de ser um caixeiro viajante da casa Blandy! D'elle e do fallecido dr. João Augusto Teixeira, de todos quantos tinham em suas mãos a direcção do partido regenerador local!

Claro, a sinceridade, a exempção, o patriotismo d'essa campanha era, sem duvida, a mesma que vimos encontrar mais tarde nos que, com mêdo da desmoralisação dos casinos, combatem pro John Bull contra os bigodes louros dos engenheiros do principe, contra os planos carvoeiros de Hoffmann.

Eu não lhes quero contar aqui essa historia, que o folheto de Hinton, por certo não esclarece completamente, nem ainda a da malograda fabrica do conde de Cannavial, um madeirense illustre que teve de succumbir commercialmente em face do transigencia de todos diante do industrial inglês. Comprehendo que isso não poderia interessar o leitor d'este semanario que desconhece a Madeira, que não lhe sabe a historia politica e pode mesmo — sem offensa — desconhecer-lhe a posição geographica.

Mas seja-me permittido duvidar, tendo assistido ao desenrolar de muitas scenas politicas d'essa ilha, seja da sinceridade da grande maioria dos combatentes seja dos resultados vantajosos obtidos, no fim de tudo, pela agricultura madeirense.

Hinton ha-de vencer, mesmo que os seus interesses se opponham aos da agricultura madeirense, da mesma forma que Reid venceu, em nome da moral anti-batoteira, o pleito da expropriação da Quinta Pavão, onde, pouco depois veiu a estabelecer, em nome da moral livre-arbitrista, um casino . . . para concertos de musica classica.

Deixemo-nos de sophismas—isto é rigorosamente assim, e a culpa não é só dos governos condescendentes nem dos funccionarios mais abordaveis pelas *loiras* britannicas. E'-o tambem, e em grande parte, dos madeirenses que, não poucas vezes, teem olhado com desconfiança, mesmo com indifferença para os emprehendimentos nacionaes, para ir lançar-se, de olhos fechados e braços abertos, nas blandiciosas garras do leopardo inglez.

* * *

Uma das notas caracteristicas d'esta questão é que, a proposito d'ella, se tem escripto nas folhas coisas interessantes da dignidade do parlamento, a qual dignidade do parlamento toda a gente sabe o que é.

Ah, não, meus amigos, não é com a auctoridade moral do *Seculo*, por exemplo que se fulmina a obra d'um ministerio, o servilismo d'uma maioria ou a impertinencia das opposições; não é com os arrôtos patrioticos d'essa gente que ahi se acotovella na feira trocando improperios, simulando gestos obscenos, explicando, procurando explicar phrases dubias ou apostrophes irritantes que se ha de levantar o tal prestigio do parlamento . . .

Verdadeiramente S. Bento não é um parlamento—é uma casa de iscas.

Os senhores deputados, isoladamente são optimas pessoas, de trato mais ou menos fino, de educação tanto quanto possivel cuidada. Assignam revistas, leem jornaes, conhecem, mesmo, um pouco da litteratura do seu paiz, sabem francez e cortam as unhas. Alguns fallam depressa, com desembaraço, outros teem, mesmo, grande facilidade em fallar muito sem dizer coisa alguma.

Mas aquella gente toda, reunida, é simplesmente a imagem da nossa nacionalidade gasta—aquillo tem o valor de um zéro.

Claro, na imprensa falla-se do prestigio do parlamento para manter o prestigio da mesma imprensa, a qual mesma imprensa é o que muito bem disse em tempos o sr. Brito Camacho, n'um dos seus dias felizes, isto é, pouco mais ou menos, o que representa o parlamento.

Depois, a imprensa é, alem de varias outras coisas, pouco intelligente. Vejam por exemplo o caso do chronista em Lisboa do jornal do sr. Duarte Leite.

O homem affirma que o sr. Pedroso de Lima disse umas coisas de Hinton—que Hinton affirmára que, ainda assim, *a coisa* não lhe tinha sahido cara—lê-se essa accusação no parlamento e a opposição berra logo enthusiasmada: Abaixo Hinton!

Vem o sr. Pedroso de Lima e escreve que é falsa a affirmação publicada na *Patria*. Volta o mesmo chronista e diz que mantem o que escreveu, porque considera segura a origem da sua informação e que é o sr. Pedroso de Lima quem falta á verdade.

Estão a vêr; é o caso das duas palavras de honra trocadas, uma affirmando, outra negando... e a galeria á gargalhada.

Um considera segura a sua informação, mas dispensa-se de dizer donde a informação lhe veiu, como a seu conhecimento a revelação chegou — acode o outro, accusado, a dizer: eu não disse tal! Em quem se ha de accreditar? E o peor é que o parlamento ouve lêr aquellas coisas e tolera os desabafos d'esses chronistas, o grande, o prestigioso parlamento portuguez.

Decididamente esta gente está a troçar. Silva Graça a defender o brio nacional ultrajado por Hinton, Cunha e Costa, já vem o perú do Natal, chorando as vergonhas da patria envilecida!

E em roda uma sucia de gente contrafeita, começando a suar sob estes calores que apertam n'uma ameaça ao nosso bem estar, ao socêgo dos nossos espiritos, áquelle *dolce far niente* da camara.

Decididamente esta gente está a troçar. Abaixo Hinton! Mas Hinton, afinal, é um estrangeiro que pretende ganhar a vida, enriquecer á custa da ignorancia, do servilismo nacional, Hinton é o monopolio, é a especulação industrial em larga escala, Hinton não é de agora é de sempre n'este paiz de monopolios, de syndicatos, de especulações de toda a natureza, de especuladores de toda a especie.

Abaixo Hinton? Abaixo os que trouxeram o paiz até aqui, isso sim. Abaixo, sim, os que conscientemente ou inconscientemente teem contribuido para esta decadencia.

Mas qual! O conselheiro Accacio continuará a ser uma das grandes figuras nacionaes e o grande José Joaquim Gomes Pacheco ha de ter a sua estatua . . .

E, depois, quem, em S. Bento, teria auctoridade para levantar o verdadeiro grito?

Belgavino.

Deram raia

. . . *Sr. Homem Christo.*

Agradeço penhoradissimo a sua amabilidade de publicar na integra a minha carta, honra que eu de modo algum podia esperar.

Vejo, com grande satisfação que concorda comigo, em que houve de parte a parte um mal entendido, ou equivoco.

Peço-lhe que me permitta apenas dizer só mais duas palavras para me justificar.

V. diz, que a minha parabola *não tem propriedade porque, o que Herculano escreveu contra a Imaculada Conceição, foi quando ainda não era dogma, e portanto não havia n'isso crime ou heresia; se me dá licença, transcrevo as suas palavras publicadas, primeiro pela imprensa diaria, e depois incluidas na sua obra intitulada* Opusculos *por onde se vê, que foi escripto depois da difinição do Dogma:*

— Com assombro da gente illustrada e sincera, vimos transformar em Dogma uma superstição dos seculos das trevas . . . a Imaculada Conceição de Maria. *(v, pag. 264.) Alem d'isso n'essa mesma obra escarneceu e offendeu mesmo a Igreja Catholica, (v. pag. 265 e 266.) Parece-me portanto ficar provado, que a minha* parabola *tem toda a propriedade.*

Pedindo desculpa d'esta rectificação espero que fiquemos d'accordo, o que seria para mim um grande prazer, e está tudo acabado, *como V. diz no fim do seu ultimo artigo.*

Com toda a consideração e estima.

De V. etc.,

UM CATHOLICO SEU ADMIRADOR

Por se ter atrazado a impressão do volume sobre a revolta do Porto que temos annunciado, continua aberta a inscripção dos assignantes que o pretenderem.

Preço da assignatura; 700 réis, franco de porte.

"Alexandre Herculano e Theophilo Braga„

(Conclusão)

«Mas como podia Herculano inspirar-se das tradições portuguezas, se não as conhecia, e interpretal-as litterariamente, se elle já em 1839, descria do futuro da patria? . . .

«No fim da vida, Herculano, que começára por descrer do presente por uma doença moral, acabou por duvidar da *sciencia do seculo*, considerando a nomenclatura de novos factos positivos como uma outra fórma de gongorismo (1)...

«Não faltava a Herculano a comprehensão das formas do romance historico, como erudito, faltava-lhe o *talento como artista* . . . (2)

«Em 1842, quando Herculano escrevia esse quadro do advento do terceiro estado, entrava com enthusiasmo no estudo historico das instituições da Edade Media portugueza e abandonava o romance; quando se exerceu na actividade novellesca era dirigido apenas *por um vago instincto e sem plano* . . .

«Tanto na *Abóbada* como no *Mestre Cid* (3) Herculano não tocou esta fonte original da poesia *(canções, ceremonias symbolicas das Mestrias)* por isso os seus romances *ficaram sem vida* . . .

«O *Eurico* é uma imitação do Claudio Graello, da *Notre Dame de Paris*. transportada para um quadro da Edade Média, no meio d'uma sociedade em conflicto de raça e de crença. O modo como H. comprehendeu esse conflicto é debil, apagado e sem ideal. . . Se H. estudasse o assumpto tradiccional dos amores de Eulógio, não se daria ao trabalho de inventar um Eurico ultra-romantico, meditando phrases rhetoricas, e morrendo theatralmente . . . (4)

«O dom da graça anda sempre ligado ao talento dramatico, e Herculano não tendo possuido esta qualidade tão caracteristica de Garrett, assim como não poude dar relevo ao romance, tambem na historia nunca poderia sair dos moldes severos, mas mortos, em que escrevia Hallam ou Guizot . . .

«Em 1836 publicou o professor de historia da Universidade de Leivzen, Kenri Schæffer, o primeiro volume da sua bella «Historia de Portugal», formando parte de um vasto corpo de Historia dos Estados Europeus; só em 1839 é que se publicou o segundo volume. A obra foi conhecida em Lisboa, *e cremos que não sem influencia* na determinação de Herculano em concentrar os seus estudos dispersos sobre as instituições sociaes portuguezas, taes como Foraes, Bens da Corôa e Classes Servas. Quando o primeiro volume da *Historia* de Herculano appareceu á luz em 1846, já a obra de Schæffer foi ali aproveitada pela segurança da sua critica. Foram estes dois volumes de Schæeffer os unicos traduzidos em francez; os tres ultimos restantes, publicados no fim d'um longo intervallo, em 1850, 1552 e 1854, cruzam-se com os livros da *Historia* de Herculano, cujo 4.º volume, de 1853, fixou o limite irrevogavel do seu trabalho. Cremos que o complemento total do trabalho de Schæeffer, desalentou Herculano; *mas se elle diz que lhe truncaram o seu trabalho*, nunca ninguem se serviu do confronto da superioridade de Schæffer para o enfraquecer. . .

«Os trabalhos de Antonio Caetano do Amaral e de João Pedro Ribeiro, e o *Elucidario* de Viterbo, eram os unicos subsidios para a historia social portugueza, materiaes de erudição, sem a luz da critica comparativa. Herculano excedeu-os em critica de particularidades, *mas não foi mais longe* na recomposição synthetica da vida social; faltou-lhe o talento narrador d'um Thierry ou de um Michelet, e é por isso que sendo importantes os dois volumes em que tratava largamente da sociedade portugueza, *são quasi illegiveis* pela forma de allegação juridica em que estão escriptos . . .

„Foi de Agostinho Thierry que Herculano aprendeu o seu municipalismo, que levou alguns

(1) Alexandre Herculano, n'um artigo publicado no "Almanach das Senhoras para 1874„, em replica a umas audacias criticas de T. Braga, dirigiu-lhe um artigo humoristico, cheio de galhofas e de sarcasmos, que era uma satyra pungente aos erros historicos e ás appreciações extravagantes e pretenciosas do joven escriptor. *Inde ira.*

Na phrase acima transcripta de Theophilo se denuncia *o monet alta mente repressitum*, a reminiscencia do artigo do almanach, *origem de todo o rancor*, onde se lê o seguinte: "O seculo XVII teve o gongorismo das metaphoras e das imagens: o seculo XIX tem o das formulas scientificas, do pueril, do paradoxal, do inintelligivel.

(Vidé obra citada de A. de Serpa Pimentel, pag. 226 e 228.)

(2) Eis a phrase *fatal*, onde a maior parte dos conferentes das festas do centenario de Herculano foram *beber* a sua constante affirmativa de que Alexandre Herculano *não era artista!* Que tristeza que isso causa!

(3) Que, por signal, não é de Herculano, segundo Camillo Castello Branco.

(4) N'um artigo biographico de Alexandre Herculano publicado por Theophilo no volume 5.º da "Encyclopedia Portugueza Illustrada„ do dr. Maximiano de Lemos, obra terminada ha mezes, diz-se que o *Eurico* fôra inspirado um pouco na fórma subjectiva e na these do celibato do *poemeto* "Jocelyn„ de Lamartine. Não haverá *mais alguma coisa* em que Herculano se *fosse inspirar?* Valha-nos Deus!

No artigo citado persistem (depois de trinta annos!) asperfidas insinuações contra a obra e contra o caracter de Herculano constantes do *estudo* de que estamos transcrevendo alguns trechos. E dizem por ahi que só o odio do padre não envelhece! Como um simples artigo de almanach denuncia em T. Braga um perfeitissimo D. Basilio *doublé* de um refinadissimo Tartufo! "*Calumniae, calumniae! alguma coisa, sempre, fica da calumnia!*„ Estas palavras d'um heroe de Beaumarchais e a celebre phrase de Danton: "*Audacia! sempre audacia!*„ — não parecem synthetisar todo o programma do actual republicanismo portuguez, personalisado, como já dissemos, em T. Braga?

escriptores contemporaneos a *illudirem-se com os seus sentimentos democraticos;* mas Herculano era *exclusivamente monarchico*, e por isso para elle o municipio nunca poderia ter outro desenvolvimento mais do que a liberdade dos impostos locaes. Pelo seu *monarchismo* o ideal da emancipação do municipio ficou infecundo por incompleto, e mais tarde contradictorio pelas suas affirmações *anti-democraticas* . . .

«Quando H. emprehendeu a *Historia de Portugal,* começada a publicar em 1846, não existiam sómente as monographias de João Pedro Ribeiro, de Fr. Francisco de S. Luiz e de Antonio Caetano do Amaral, o ponto de vista geral, segundo o espirito scientifico moderno, já estava determinado; sem a *Historia de Portugal* de Schæffer, publicada em 1836, (1) Herculano não se elevaria acima da erudição fragmentaria das monographias. Desde o momento que Herculano sentiu que lhe era impossivel levar a cabo a sua obra, o verdadeiro serviço á patria **teria sido o traduzir com franqueza** a obra de Schæffer, que termina na revolução nacional de 1820 . . . Este trabalho, porém, tinha o defeito de *tirar o prestigio* ao historiador portuguez . . .

«A falta de estudos de ethnologia peninsular influiu na *errada architectura* da *Historia de Portugal* de Herculano, que começa a sua narrativa pela *morosa e quasi illegivel* exposição do dominio arabe e reconquista neo-gothica . . . (2)

«Pelo seu espirito catholico e *pela falta de um criterio positivo da historia*, Herculano não podia julgar *com verdade* as grandes epocas da civilisação humana donde a nossa pequena nacionalidade portugueza surgira . . .

«A *Historia de Portugal* deriva-se da chronica, conservando o seu espirito nos pequenos factos accidentaes das biographias dos monarchas e quando pretende entrar no funccionalismo das instituições sociaes não sabe achar o seu nexo e fica na monographia particularista em que uns factos sem luz se tornam quasi illegiveis . . .

«O pensamento fundamental da vida de Herculano «sonho dourado da ambição litteraria, unico dos vãos idolos do mundo em que fiz sacrificios» *(Prefacio da 3.ª edição da Historia, em 1863)* estava concentrado no plano da *Historia de Portugal*; porem este trabalho **não era para servir á sua nação** nem a sua epoca, *mas uma divida pessoal á realeza* . . .

«Nós hoje entendemos que os 600$000 reis de ordenado de bibliothecario da Ajuda foram para Herculano um desastre, porque lhe tirou o estimulo de escrever a Historia de Portugal *para os portuguezes*, isto é, **condemnando a realeza ligada com o catholicismo** que atrophiou este povo extinguindo-lhe a sua vida autonoma e local pela reforma dos Foraes no tempo de D. Manuel, a sua vida intellectual entregando-nos aos Jesuitas e aos Inquisidores no tempo de D. João III, finalmente, a sua vida nacional, submettendo-nos aos hespanhoes no tempo do Cardeal D. Henrique, ou aos exercitos de Napoleão pelos absurdos diplomaticos de D. João VI. A historia *ad veum Delphini* não podia ser. . .(3)

«Herculano apoiando-se unicamente na estabilidade do passado, tinha medo e liberdade, e mostrava sentir a falta do absolutismo da da superstição, porque eram as garantias da ordem...

"Como é que Herculano *podia comprehender* a vida politica de um povo atrophiado pelo catholicismo, se elle era um christão fervoroso e poetico? Como julgar a instituição da realeza, que atacou as garantias locaes foraleiras, se elle era sinceramente monarchico? Como apreciar os municipios, se elle acceitava a centralisação administrativa do constitucionalismo com pequenas restricções? *Sem intuito* de um processo, de um inquerito, de um protesto mesmo, não se faz historia; Herculano *tinha só* o ponto de vista da veracidade diplomatica, e por isso **o tedio que produz essa obra fundamental, que ninguem lê**, porque não tem encanto, *atacou-o* a elle tambem, aborreceu-se do trabalho e abandonou-o . . .

«Poucos terão os cerebros capazes de resistir a essa aura inebriante da consagração publica; (4) Herculano caiu em uma *autolatria inconsciente*, que uns chamavam *altivez de caracter*, e outros *cumulo da vaidade.* Todos amaram e respeitaram Herculano, mas ninguem lhe deveu uma ideia. Leiam-se os seus livros, as obras poeticas, litterarias ou historicas; qual a *ideia* que d'ahi ficou prendendo o espirito moderno? Nada, debaixo d'essa rhetorica emphatica, mas patriotica, nenhuma noção iniciadora para a consciencia, debaixo d'essa accumulação de factos correntes e de graciosas polemicas a que elle chama historia. Ninguem poderia impulsionar mais a evolução da nacionalidade, se é que tivesse a *comprehensão do poder espiritual* de que se achava investido.

«Quando se observa nos viajantes e diplomatas extrangeiros o quadro da sociedade portugueza d'esta epoca tão ésteril do constitucionalismo, e nos lembramos que elle conferiu a Herculano indisputavelmente um absoluto *poder espiritual*, é então que cessa a illusão que fazia achar no homem uma superioridade reconhecida unanimemente . . . (5) A actividade de Herculano examinada com um intuito philosophico leva a deduzir uma correlação importante ácerca da missão do escriptor. As sociedades humanas compõem-se de forças de conservação, naturaes e instinctivas, as quaes deixadas a si mesmas, tendem a uma espontanea immobilidade; todo o homem capaz de ter ideias, fallando, escrevendo, phantasiando, imaginando, inventando, deve ter em vista impulsionar essas forças estaticas, tomando-as apenas como factos reaes que modificam as concepções subjectivas. Só assim é que essas forças de conservação se podem aproveitar como bases de ordem; é por isso que o escriptor, o artista, emfim todos os que pensam por si devem ser revolucionarios, como impulsos individuaes contrabalançados pela collectividade estavel. Quem não cumprir esta missão por instincto proprio, ou quem a não comprehenda e põe as suas forças intellectuaes ao serviço do passado, exercendo uma acção improgressiva, *só pode ser admirado pelos que estiverem do lado da inconsciencia.*"

Terminaram as transcripções. *Magister dixit!* Que resta *depois d'isto* do infeliz escriptor que se chamou Alexandre Herculano? Foi um insigne historiador, um famigerado litterato, um celebre romancista ou um poeta que deu extraordinario lustre á sua amada patria? Qual! Alexandre Herculano *foi apenas* o que o incommensuravel pontifice vermelho— o Primeiro Portuguez—acaba de descrever-nos com a pura consciencia que todos lhe reconhecem geralmente; e se alguem fôr de opinião contraria . . . já se deixa ver que é um *inconsciente!* Que lh'o agradeçam todos os promotores das festas do centenario de Herculano e até os proprios correligionarios; mas que tenham paciencia: se admiram o auctor da *Historia de Portugal* e de tantas outras obras primas, não passam *d'uns inconscientes.* **Magister dixit!** Quanto ao Mestre Braga envio-o para Sylvio Roméro, o consciencioso critico da *Patria Portugueza.* Aquelle sim! aquelle é que sabe quem é o *grande inconsciente*; sabe-o e prova-lh'o nas celeberrimas ventas, que é mais! E não bateu n'um morto, como Theophilo... para maior vergonha d'este.

Agora digam-nos, por ultimo, se não é profundamente verdadeira a phrase de Herculano, talvez, ao ver-se enxovalhado: *«Isto dá vontade de morrer!»*

Abril de 1910.

X. Z.

(1) Attenda-se á constante insidia das datas . . .

(2) Que descaramento de critico, este de referir-se por esta fórma a uma das partes mais brilhantes de Herculano!

(3) Consta que T. Braga vae publicar uma Historia de Portugal *para uso do Povo*, que deve ser uma verdadeira maravilha de erudição e *de verdade*. . . Pobre povo!

(4) Theophilo . . . digam-nos, por favor . . . Theophilo *resistiu* — ou não?

(5) Mas que a inveja pretenda, como n'este caso, amesquinhar, por todos os modos e sophismar, miseravelmente não é assim, Theophilo Braga?

Provincias

Thomar

Era nosso proposito ao encetarmos estas correspondencias a que fomos levados pelo enchurro das violencias e ataques, que contra tudo e todos hebdomadariamente são ejaculados pelas duas lamparinas aqui publicadas, irmos patenteando aos nossos conterraneos a força moral dos que nos atacam para em seguida fazermos a facil defesa dos que elles pretendem ferir e babar com a viscosidade peçonhenta que em ondas lhe sae das faces escancaradas. Era isso mais simples e mais rapido, porque depois de mostrar a auctoridade moral dos censores pouco seria preciso dizer em defesa dos opprimidos pelo abuso d'uma arma traiçoeira e covarde que deriva dos elementos de publicidade que meia duzia de parvos accidentalmente tem á sua disposição para inconscientemente ferir os que lhe não são afeiçoados Não podemos porem seguir o programma estabelecido; por isso que se nos impõe ir desfazendo os novos ataques contra amigos que sabiam tanto qual o nosso proposito de nos tornarmos correspondentes do *Povo de Aveiro* como o que se passa na lua. Era preciso porem a esta ralé jornalistica ferir não os que os desmascaram mas aquelles que se antepõem aos seus fins. Não os que como nós teem a coragem de lhe gritar "para traz abocanhadores da honra alheia" mas os que enojados os despresam. Elles querem lá saber da causa republicana que dizem advogar! Bem se importam elles com isso. E' ver como o *Rebate* dos Araujos não perde occasião de fallar no fantoche Vieira Guimarães, estando em opposição com a sua co-irmã a *Verdade* que tanto o tem posto a ridiculo. Ao menos n'isto estão os dois orgãos estercaraes em discordancia e com quanto não tenhamos a menor má vontade contra tal individuo vamos com a *Verdade* que uma vez deixou de ser a mentira. E para a justificarmos não precisamos mais do que ver a ingratidão praticada por elle para com o cunhado, tambem um dos Araujos. Veja-se. Sabem todos aqui que o Vieira Guimarães, o grande vulto thomarense [como o denominava nos seus escriptos o nosso saudoso Dr. Sousa] nunca seria medico nem professor dos lyceus senão fora o cunhado, Antonio Araujo, que pelos seus serviços aos Burnays levou estes a concederem-lhe toda a protecção, a ponto do Dr. Eduardo Burnay ir presidir ao jury, que o havia de julgar em historia, só com o fim de o salvar, visto que se tratava de um incompetente; fornecendo-lhe ainda meios pecuniarios para se poder aguentar pelas escolas; por isso que o pae só lhe podia dar mensalmente doze mil reis. Pois vão ver como elle lhe pagou. O cunhado por difficuldades gastou por meios que não veem agora para o caso tres contos e tal que pertenciam ao sr. Casquilho de quem era agente das vendas de papel. Este industrial, dando pela falta, quiz o pagamento da referida quantia que o Araujo não tinha para lhe dar. Elle, que tantos serviços havia prestado ao Guimarães, lembrou-se logo que poderia ser salvo por elle que havia feito pouco tempo antes um casamento de dinheiro. Mas, oh desengano! a ingratidão é nata no Guimarães e quando o Araujo lhe fallou em dinheiro elle, que tudo devia ao Araujo, descompol-o e apertava cada vez mais os cordões a bolsa. O tempo passava e o Casquilho, que se não contentava só com cartas, exigia o dinheiro, sendo n'esta altura critica que um outro parente, já d'outras vezes sacrificado, appareceu como salvador sendo o Guimarães levado depois d'um trabalho insano a prestar tambem qualquer auxilio. Já se viu ingratidão maior? Era natural que o Guimarães não deixasse encravar a sua situação para salvar o cunhado; mas elle que tantos favores, em dezoito annos de estudante, recebeu do cunhado tinha o dever moral de ao menos lhe prestar um relevante serviço.

E são os redactores do *Rebate*, irmãos e sobrinhos do mesmo Araujo, que não perdem occasião de o inculcar dizendo, n'um dos numeros do mesmo jornaleco, que um amigo nosso que o fez deputado, por não o conhecer bem, lhe tem um grande odio. Mas por que lhe ha de ter odio este nosso amigo se o considera inoffensivo e sem elementos para o contrariar? O Guimarães não faz sombra a ninguem e se não tem amigos tambem não merece ter inimigos. E' um inutil.

E a proposito do Guimarães já perdemos mais tempo do que elle merece. Elle que se occupe de si como costuma fazer, porque precisamos aproveitar o tempo para desfazer as atoardas do *Rebate* a respeito da estrada do convento, padrão de gloria de tão importante vulto, contando como as coisas se passaram. Ha tempos o Guimarães poz nas mãos d'um vereador que hoje reside em Lisboa, uma proposta para que a camara mandasse estudar uma estrada para o convento.

O nosso amigo, que, segundo o *Rebate*, tanto tem contrariado aquella estrada, sabendo da proposta fez vêr á camara a inconveniencia d'ella; por isso que não pertence ás camaras fazer estudos de estradas para o governo construir, pediu que a proposta fosse julgada de nenhum effeito e substituida por uma representação ao governo para que a mandasse estudar, o que se fez. Satisfez o governo este pedido da camara e ahi temos a estrada, que diga-se de passagem, alguma utilidade tem, mas sempre desejariamos nos dissessem quem de Thomar a aproveita para ir ao convento? Pode quando muito servir para os visitantes endinheirados irem mais commodamente áquelle monumento.

Estradas verdadeiramente uteis são aquellas que servem a industria, a agricultura e põem em communicação as povoações. E com isto respondemos ao ataque feito ao nosso amigo de que elle fez uma estrada só para seu uso e proveito. Ora uma estrada de sete kilometros, que vae pôr em communicação importantes povoações da freguezia de Payalvo com o Tejo e povoações limitrophes, atravessando uma região importante agricola, é uma estrada de utilidade particular? Deveria o jornaleco, critico d'agua doce, dizer o mesmo da estrada da Guerreira a Constancia para a qual aquelle nosso amigo que nada tem feito, na sua opinião, conseguiu n'um anno quatro contos de dotação. Isto tambem não é nada. A estrada do convento é a unica util; e por isso guerreada por elle. Mas ha mais; quando se tratava de fazer as expropiações, o nosso amigo foi o primeiro a dizer que a camara deveria offerecer os terrenos de graça e assim se fez. E as dotações obtidas, não pelo Guimarães, mas pela Propaganda de Portugal, foram sempre mantidas pelos ministros, alguns d'elles da intimidade do nosso alvejado amigo, a quem seria facil desvia-las se guerreasse a estrada. Elle o que pensava era que a directriz deveria ser outra, mas desde que se iniciaram os trabalhos, julgou não dever embaraça-los; porque ainda que seja um melhoramento de pequeno valor, não se julga no direito de o contrariar, estando assim em opposição com o proceder d'alguns defensores da estrada, que pediram, em tempo, a suppressão da escola industrial pela unica razão de que havia sido creada por influencia d'aquelle nosso amigo que nada tem feito, acabando assim um importante estabelecimento em que só o gabinete de physica havia custado ao governo seis contos de reis. Demolir é o grande principio dos nossos adversarios e d'isto não passam.

A proposito, vem responder á *Verdade*, que só vive com a mentira, sobre o projecto de alguns gravatinhas quererem representar á camara para mudar o nome d'algumas ruas, por que os que ahi estão são de individuos que nada fizeram para Thomar, lembrando que quem fez muitos serviços foi Alexandre Herculano. A fome é negra e desde que faltaram á *Verdade* os mandados camararios, aquelle toutiço perdeu por completo a noção das coisas, sem ao menos saber justificar a razão porque o nome de Alexandre Herculano se impõe a outros. Essa dos serviços á nossa terra, só da mentira. Mas os gravatinhas vivem d'estas miserias, não pensando nunca em estimular a boa vontade dos que podem fazer qualquer coisa de interesse publico e só alimentam ninharias na sua doentia mentalidade com o fim, julgam elles, de ferir os que os não deixam á vontade nas suas diatribes e provocações de que, afinal, todos veem a origem.

Atacam a camara pela má distribuição do dinheiro dos inundados, cuja lista dos contemplados publicam sem o menor commentario, vendo-se ahi no seu maior numero o nome de mulheres e alguns conhecidos republicanos. Já se vê concluirão o par de jornalecos cá da terra que tudo isto foi feito para adquirir o voto das mulheres e subornar os seus queridos correligionarios que assim são desfeiteados nas suas solidas convicções. Outro grande crime explorado pelos do *Rebate* em lettra maiuscula com o seu glorioso Araujo (Antonio) á frente, foi o da applicação do dinheiro que o administrador mandou cobrar do jogo, por occasião da feira, insinuando-se no immundo—corre por ahi—que a quantia adquirida era na importancia de 400:000 reis, quando é certo, sabem-no todos, que foram apenas 180:000 reis, e que sendo interrogado sobre tal falsidade um dos redactores do pasquim, esse defendeu-se dizendo que no *corre por ahi*, não fazia mal mentir-se, por isso que se tratava apenas do que por *ahi corre.*

O dinheiro, sabem todos que foi quasi todo applicado no auxilio d'um grande melhoramento local—a creação da corporação dos guardas nocturnos, fornecendo-se lhe por esse dinheiro fardamentos e equipamentos, sendo 19:000 e tantos reis destinados a pagamento de carros que pela administração do concelho foram solicitados para serviço de policia e outras exigencias. Pois o mencionado jornaleco, e o seu redactor, n'um dos cavacos saloios a que petulantemente chama discursos de comicio, revoltou-se contra a applicação dos 19:000 e tal que diz terem saido dos cofres publicos e que alguns carros foram aproveitados em serviço particular. Não sabe ou oculta este porco que nas cabeças dos districtos, estas receitas vão constituir o fundo da policia, não se lembrando ninguem de fazer qualquer censura á sua applicação muito menos de aventar a triste idea de que o dinheiro saisse dos cofres publicos. Chama-se a isto, inconscientes criticos, *facere operum ludus* trabalhar de balde, porque como devem saber a intriga, a vilania e a mentira não resistem muito tempo á acção da verdade.

E a proposito diremos que a nossa primeira correspondencia que tanto deu que fallar e que tanto incommodou alguns dos pasquineiros, vinha redigida de tal maneira que só a consciencia muito pesada poderia descortinar n'ella allusões e factos deprimentes e a que responderam com a maior vilania atacando quem não os vê e nem sequer os conhece, mas que parece fazer-lhe sombra e que certamente os despresa visto que as suas diatribes só elevam os que pretendem tocar. Isto porem dos dois infames jornaes (não bastava uma d'estas lamparinas para emporcalhar e desconsiderar esta terra) dizerem o que lhe sugere o seu fraco bestunto e fazerem-nos sem resposta, acabou-se. Hão de ouvir tambem para que o publico julgue uns e outros chegando a ser tão vergonhoso o que aqui se passa que as conversas das lojas e das ruas lá veem muitas vezes reproduzidas no mexeriqueiro e immundo *Rebate.* Com inveja da *Verdade* que não passeia tanto, mas que se arrepela de não fazer uma figura tão bonita como o outro papelucho que quando viu a luz da publicidade se disse querer representar o genuino partido republicano, visto que a *Verdade*, diziam os do *Rebate*, estava amarrado pelas dependencias de dinheiro a um regenerador hoje meio republicano.

Continuaremos

C.

—†—

Alcabideche.

Fulos, sr. Redactor, fulos os republiquêlhos cá do sitio. Reduzidos pelo *Povo de Aveiro* a um *bando* cujas figuras proeminentes são hungaros, ursos, gallegos, de orelheiras furadas, os homens andam realmente furiosos—e aqui para nós que ninguem nos ouve—elles têm razão . . .

Em Cascaes, Cintra, Linhó, Estoril, etc. etc. o assumpto da cavaqueira é: a republica de Alcabideche.

E que commentarios se ouvem!!! O *Povo de Aveiro* passa de mão para mão e nas tascas, mercearias, lojas de barbeiros, pharmacias e outros pontos de reunião é lido em meio de estridulas gargalhadas! E quando apparece algum dos do *bando — urso ou não* — grita-se logo: *— lá vae um!!!* Corridos em toda a linha, os desgraçados! Agora pagam, ou antes, recebem juros e capital das chufas avinhadas que dirigiam, *em outro tempo* — e esse já não volta — aos *thalassas.* Os burrinhos mascaram aquella palavra no *Immundo* e nem imaginam o que quer dizer e significa. São tão estupidos que apanharam o anno passado tareia de crear bicho no *Portugal* que lhes disse as ultimas — ahi valente *thalassa!* — e nunca responderam uma linha. Agora recebem chicotada que lhe ha de abrir as carnes até ao osso e estou certissimo que ninguem apparecerá pela frente a *Thalassa II.*

E, oxalá appareça! Então é que o pagode subia de ponto. Eu bem os chamo a terreiro, ora com factos, ora com o ridiculo até ao incrivel, mas mudos e quedos como penedos! Os selvagens preferem á escripta, o officio facil agradavel e util de ingerir vinhaça ordinaria — que é mais barata e tem a vantagem de não tingir a *gravatinha*, porque a dita no *hay* na repulha de Alcabideche.

* * *

— Não sabe? Segredava *um* dos taes . . . do ulá, ulá . . . (quer dizer, da companhia do *urso* preso á corrente,) — El-Presidente de cá recebeu uma communicação importantissima do dito de Lisboa — El-Bernardino Baeta Bombardino Rachado — a dizer, a dizer . . . coisas estupendas!!!

— O que diz homem?

— E' o que lhe affirmo.

— A **Coisa** está para breve!

— A sério?!

— Juro-lh'o. Que estejâmos preparados para o grande dia, diz a carta presidencial do Calcinhas, porque a aurora da redempção está proxima!

— A's armas, cidadãos da orelha furada! Mas, que devemos fazer? Deitar foguetes, gritar, zurrar, ladrar, tudo que El-Presidente houver por bem.

— E' o de Lisboa que manda.

— Oh! compadre, mas isso é certo?!

— Certissimo; *agora vae.*

—Estou cançado de esperar já.

—Estamos todos, compadre. Mas agora vamos nós governar. Os malditos Thalassas vão saber quem nôs sômos. Eu quero ser administrador de Cascaes, e você, compadre?

— Eu. . . eu . . . general. E' coisa mais vistosa. E quero dar chanfalho e peixe espada na canalha monarchica. Meu filho Jôquim ha de ser — ha de sêr o quê? Ministro do Reino.

— Não pode ser. Esse logar já está promettido. E' para o homem dos vidros nas janellas, que tanto tem trabalhado pela nossa causa.

— E a seu neto Aniceto Encerrabodes que destino lhe dá no novo regimen?

—Meu neto ha de ser. . . naturalmente secretario particular do Presidente.

— Mas não sabe, lêr.

— Não faz mal, a Repulha não precisa d'essas *coisas*. O que nós queremos é dinheiro, poder, força para a vingança. . .

. . . O que ahi fica *é caso* real ou phantastico? Tem uma base ou não? Os republicos que respondam. *Thalassa II* sabe tudo ou não? Ah! vermelhos de uma figa! A quanto arrasta a vossa estulticia! Não comprehendeis que haveis de ser sempre o que sois e não podeis ser outra coisa. A ignorancia e tacanhez de intelligencia é tamanha que não vos deixa vêr mais.

A republica seria boa para os grandes ladrões, para os quadrilheiros da monarchia e da demagogia. Só para elles. O povo ficaria onde está — mais onerado para satisfazer a sede de dinheiro dos grandes patifes . . .

* * *

Mas a republicalha de Alcabideche não comprehende isto. E por isto se torna ridicula, aos olhos de todos. Desbragada e insultadôra, ignara e estupida a malta vermelha de cá pensa que republica é cada um fazer o que quizer, não pagar impostos, passar de cavador . . . a alto funccionario, de pequeno a grande do reino.

E isto prega-se, espalha-se dia a dia n'uma anciedade constante, com um enthusiasmo invulgar.

E sendo assim, *comem* todas as *blagues* as mais inverosimeis de qualquer engraçado — como cartas cheias de promessas com nomes suppostos — e papagueiam-se as mais descabeladas necedades. Remedio para tanta estultidez? Porrada e agua á jarra.

E esta receita não vos ha de faltar.

Cantastes? Dançae agora . . . na corda bamba do *Povo de Aveiro* que vergasta com força indomavel. O *estadulho* ha de correr-vos como se faz ás feras.

E por esta vez, basta. Até para a semana, sim?

Thalassa II.

CORRIGENDA

Veio impossivel a carta ultima.

Gralhas aos cardumes. A ponto de em partes o sentido ser inintelligivel e em outras, sair o contrario do que escrevi. Emendo só este periodo por *dignidade* propria: onde se lê: "ou nós — o que é certo — somos muito estupidos, — leia-se: — ou vós — o que é certo — sois muito estupidos.

Assim, sim . . . Do contrario era *forte.* Que *diploma* passavamos a nós proprio!

Thalassa II.

—†—

Moita.

Existe nas Arroteias uma fazenda conhecida pelo Pateo do José Ratinho, e que pertence actualmente a José Simões Domingos.

Não ha memoria d'esta fazenda ter sido arroteada, apezar de haverem n'este sitio pessoas com 80 annos. Desde a sua primitiva, sempre lhe conheceram uma valla que a atravessa do norte ao sul, valla que recebe agua d'algumas terras visinhas, e o excesso da agua da valla real, que tambem passa pelo poente do dito Pateo.

Esta valla transversal era formada com um vallado por lado, com mais de um metro de altura, e cujos vallados estavam cheios de oscalracho e outras hervas daninhas, proprias para consistencia dos vallados, para melhor assegurar as aguas, que em certas occasiões são bastantes.

Ha 70 annos já estes vallados e valla existiam, e n'esse tempo pertencia o dito Pateo a José do Alberto. Depois foi passando a diversos proprierarios, até José Simões Domingos, seu actual senhorio.

No tempo de todos os outros donos existiu sempre a valla com os vallados, mas este sr. Simões entendeu que devia cortar os vallados quando comprou a fazenda, e cortou-os, apesar de alguns visinhos o aconselharem a que não os desbastasse, porque as aguas, quando viessem cheias, lhe estragariam a fazenda.

Não attendeu a nenhum conselho.

Escusado é dizer que, logo na primeira cheia, as aguas lhe arriaram uma porção do terreno, com o que elle gastou algumas desenas de mil reis para tirar as areias trazidas pela agua. Foi o bastante para o José Simões tapar a valleta immediatamente, na partilha, do lado de cima. Fez um tapume de madeira, e deixou um cano de meio metro quadrado, para passar só uma certa quantidade de agua emquanto a restante inundava todos os visinhos do lado de cima.

Coitados, queixaram-se-lhe que tivesse dó d'elles, que de um instante para o outro ficavam com as suas fazendas estragadas, e então que desmanchasse o tal tapume, e que levantasse os vallados que já a agua não fazia mal a ninguem.

Os pobres prejudicados, queixaram-se ao guarda da hydraulica Antonio Bertho, mas este que apanhava grandes bebedeiras na adega do José Simões Domingos ainda descompunha os pobres homens! Passaram-se tres annos e como as chuvas fossem poucas, os queixosos lá se foram aguentando com prejuiso, mas sem fazerem reclamações.

Este inverno como as chuvas fossem maiores, o que havia o José Simões Domingos de faser? Arrancou todo o tapume, e fez no logar do cano que tinha meio metro, um outro com 14 centimetros de altura por 12 de largo, que é o mesmo que dizer que todas as aguas inundaram os visinhos do lado de cima, entraram pela estrada que liga Santo Antonio com a Moita, e foram alagar as propriedades de Eduardo Vasques, Antonio da Silva, Manoel Antunes, Antonio Diogo, Manuel da Cruz, Antonio Accurcio Marques, José Picanço, e Eloy Castanha.

Ora como todos estes proprietarios não tivessem as suas vallas preparadas para receber toda a agua, porque não tinham obrigação, absolutamente nenhuma, de a receber, provado está que ficavam todas estas propriedades estragadas, alem das propriedades dos visinhos do José Simões Domingos, que essas ficaram completamente inundadas, a ponto das aguas lhe entrarem pela casa dentro, como já tem succedido, em annos invernosos.

Todos se lastimavam, mas como o trabalho era mandado fazer por um republicano, todos estavam com medo de se queixarem, e mesmo para se queixarem ao guarda da hydraulica ou mesmo ao chefe da dita, era o mesmo que estarem calados. Mas n'este meio tempo alguem se queixou aos poderes superiores, e o sr. Marquez de Tancos, dig.mo engenheiro d'esta secção, mandou immediatamente desmanchar a ponte que o José Simões tinha feito.

Esta ordem foi como um raio que o fulminasse, porque elle dizia a toda a gente que só desmanchava quando o Ceo viesse para o logar da Terra; e mostrava a toda a gente o retrato do Antonio José d'Almeida, e dizia que se aquelle homem não lhe valesse, que o queimava. Mas como o Antonio José d'Almeida não lhe valeu, combinou com a camara republicana da Moita pôr na dita estrada, que vae da Moita para Santo Antonio, muitas dezenas de carradas de pedra encostadas á valla real, que era para as aguas não virem passar á valla, que elle tinha desmanchado, e por onde era a sua corrente antiga, e seguirem todas para o poente, e metter no fundo dez proprietarios, entre os quaes um cunhado do José Simões, a quem elle não pode ver por ser um monarchico honrado!

Foi n'esta occasião que cento e seis individuos foram protestar perante o sr. administrador do concelho, contra os actos da camara, a qual para salvar um ia prejudicar centos de individuos, uns com as aguas e a maior parte d'elles por não poderem ali passar com os seus carros carregados, porque terra e cacos ficaram n'uma superficie muito curta e na altura de metro e meio.

O sr. administrador officiou á hydraulica, e veio outra vez o sr. marquez de Tancos, reconhecendo que era uma alta pouca vergonha, porque desviava o leito das aguas que sempre alli passaram, officiando em seguida ao sr. governador civil no sentido de obrigar a camara a desmanchar a referida ponte.

O sr. governador civil mandou dois officios ao presidente da camara, Luiz Fortunato da Fonseca, e este quando recebia os officios mandava, no dia seguinte, pôr mais terra, cacos e vidros, para quem passasse descalço se cortar.

O sr. marquez de Tancos como viu que a camara republicana não obedecia aos poderes superiores, mandou no dia 29 do mez passado dois trabalhadores, com o guarda Bertho, desmanchar; e quando começavam a tirar a terra, chegou o José Simões Domingos e prendeu os pobres trabalhadores, deixando o guarda solto.

Lá foram os dois pobres homens, que andavam a ganhar o sustento de seus filhos, para a cadeia de Aldegallega, onde estiveram presos nove dias.

No dia 5 do corrente veio uma força de 20 praças, policia e o sr. administrador, com trabalhadores e carros, e lá fez desmanchar; mas mesmo assim, ainda lá foi o José Simões Domingos pedir auxilio ao sr. administrador para prender outra vez os trabalhadores.

Diz o José Simões que era mandado pela camara, mas eu o que digo é que elle é que manda na camara.

Agora estão á espera que a força se vá embora para irem outra vez pôr terra na estrada.

Se fosse uma camara monarchica que fizesse isto, já o governo a tinha processado, mas como é republicana, vae tudo bem.

Muitas cousas tenho a contar, mas para não tomar mais espaço no seu tão valente jornal, fica para a outra vez.

Um thalassa.

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes do Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; Havaneza Central, Praça de D. Pedro, 59; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento, 102 a 104; Nuno J. C. Feijós, Rua Poaes S. Bento 141; F. Gonçalves, Rua de S. Bento, 181; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza aos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho, 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves, Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47. Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria Vieira da Cruz, rua de Santo Antonio; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa, 290 A; Antonio Pinto Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho—Kiosque Reis. **Molta do Ribatejo**—João Baptista Mouro. **Vizeu**—Kiosque do Rocio. **Chaves**—Annibal de Barros. **Villa Real** — Kiosque Trindade. **Alvorninha** — Paulino da Silva Mendes. **Alpedrinha** — Manuel dos Santos Tarouca. **S. Domingos de Carmões**—Joaquim Marques de Carvalho Junior. **Seixal** —— Prefiro Ferreira. **Villa Velha de Rodam**—Antonio da Cruz Pinto. **Mangualde**—Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem**—Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul**—José Augusto d'Almeida. **Faro** —Francisco Matheus Fernandes. **Evora**—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes**—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Villa Nova de Baronea**—José Custodio Figueira. **Cortegana**, Alemquer—João dos Santos Pereira. **Paderne**— **Algarve**—Antonio Anacleto d'Oliveira, **Torres Novas**—João Rodrigues Sentieiro. **Amareleja**— **Moura**—Manuel Frade. **Castello Branco**—Vende-se pelas ruas. **Montemór o Novo**—Fortunato Reina o. **Tondella** —Mario do Carmo. **Pedrogam Grande**—Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova**—Christiano Pereira Barata. **Ançã** — José da Costa Neves. **Braga** — José Gomes da Silva, Campo de S. Thiago, 24. Kiosque Gonçalves. **Taboa**—Francisco da Costa Carvalho. **Monsão**—João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel** — Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres **Vianna do Castello** — No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego**—Joaquim Valente. **Castello Novo** (Beira Baixa) João Pereira dos Santos **Elvas** — Luiz Samuel da Silva. **Povoa**—José Couto Segundo, **Agueda**—Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã**—João Pereira Saraiva. **Figueira da Foz**—João Palhas, Mercado n.º 8. **Santa Cruz da Graciosa**—Antonio Ernesto Esteves. **Fundão** — Manuel Gonçalves Ancleto. **Guarda**—José Antunes de Figueiredo. **Cadaval**—Antonio Lopes Leal. **Sobral de Mont'Agraço** —Arthur Carvalho. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Macieira de Cambra**—Domingos d'Albergaria **Alcochete** —Joaquim Valentim **Santarem**—Vende-se nas ruas. **Cezimbra**—Antonio José Pereira. **Angeja**—José Maria Martins dos Santos. **Castello de Vide**—Antonio Lourenço Veliz. **Villa do Cano** — Antonio Martins Florentino. **Serpa**— Celestino Alhinho. **Louzã** — Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Mattosinhos**—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens **Coimbra**—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. Polonia Palhas, Rua Borges Carneiro 6. **Alcobaça** — Antonio Vazão. **Gouvela** — Manuel A. Manta, Rua Braamcamp **Leiria** — Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho, Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade— *o Varino*. **Setubal** — Manuel Tavares. **Arronches** — Miguel Maria **Villa Nova d'Ourem**—Antonio José Pereira. **Vianna do Alemtejo**—Joaquim Antonio Carvalho. **Sattam**—José da Cunha Marques. **Escalhos de Cima** (Beira Baixa) — Miguel Maria Tavares. **Lagôa** — (Algarve) — Manoel Rodrigues Rogado. **Villa Viçosa** — Luis Fillippe d'Abreu. **Bragança** — Manuel Benito. **Funchal** — Francisco de Senna Lisboa Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira** — Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis** — Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caciro. **Thomar**—Joaquim da Costa Carvalho. **Alemquer**—João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe** — Almeida Guimarães & Alves. **Benavente**—Manuel Dias Varandas. **Monte Estoril**—Gare. **Pavia** — José Couto Segundo. **Cabanas**—Julio Requixa. **Ponta Delgada**— Antonio Pacheco de Teves, Rua do Frias, 20. **Guimarães**—Antonio Lopes Martins.

BRAZIL

Rio de Janeiro— Centro de Publicações de Gianlorenzo Schettino, Travessa do Ouvidor.

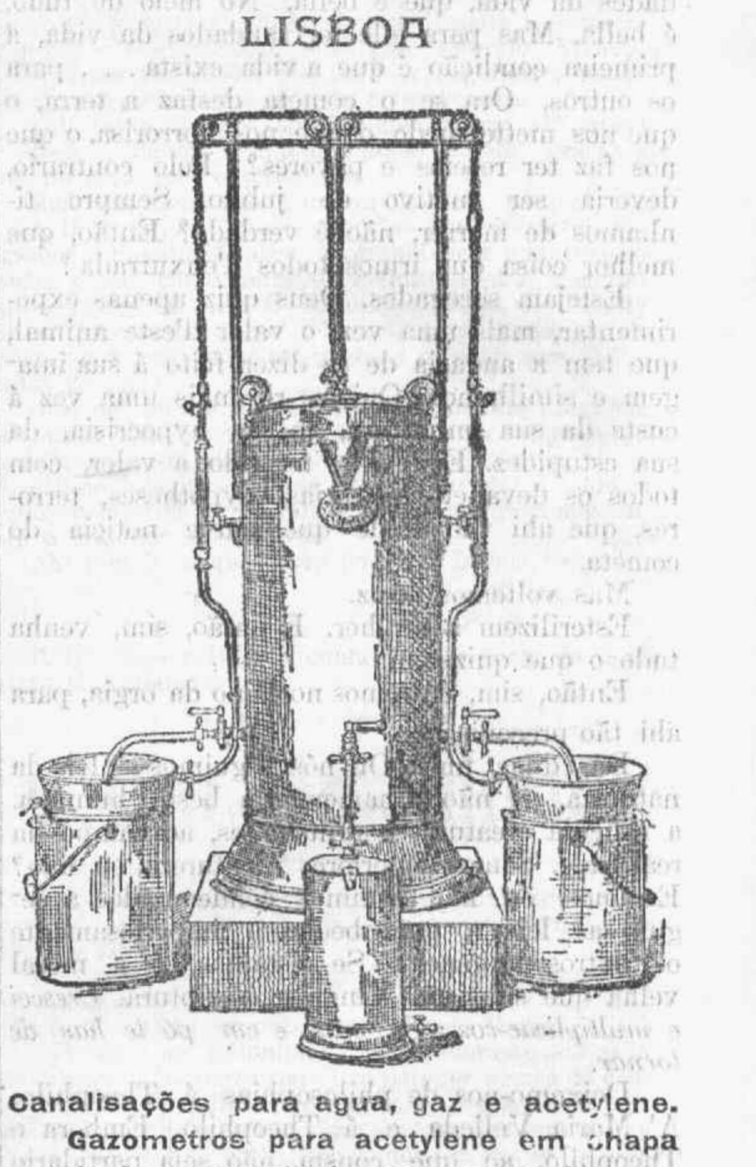
Manaus—Agencia Freitas.

Belem do Pará—Centro de Publicações.

A. Anselmo & C.ª

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene. Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.ª

LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA